LIBRARY OF PRINCETON
FEB 2007
THEOLOGICAL SEMINARY

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3511unse

no XXXV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Fevereiro de 1959 – N.

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

O Espiritismo e a Imortalidade . .	*Redação*
Roma, Nero e os Cristãos — A Tragédia dos Tempos Antigos . . .	*Carlos Imbassahy*
A Descoberta do Espírito	*Hernani Guimarães Andrade*
Ergue-se uma bandeira contra o Esperanto	*Ismael Gomes Braga*
Memórias de um Espírita Baiano .	*Leopoldo Machado*
José da Costa Filho	*Redação*
O Espiritismo não é Doença Emocional	*Deolindo Amorim*
Os Mistérios da nossa Vida Mental	*V. O. Casella*
11 de Fevereiro	*Redação*
A quem ou o quê esperamos ? . .	*v. lineredo*
Nunca houve êsse batismo com água !	*Ten. Cel. Fiori Amantéa*
O Nosso Aniversário	*Redação*
Aos Nossos Assinantes	*Redação*
No Mundo... da Lua	*Arnaldo S. Thiago*
Moisés aprovava a Mediunidade e Paulo ensina a fazer sessões . .	*Irmão Saulo*
Crônica Estrangeira	*Redação*
Espiritismo no Brasil	*Redação*

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 76,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 26,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em tôdas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr$.25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

ANO XXXV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Fevereiro de 1959 — NUM. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Espiritismo e a Imortalidade

A doutrina espírita está exclusivamente apoiada sôbre fatos, tão cabalmente demonstrados, como os que são peculiares à física, à química e tôdas as ciências positivas, fatos êstes tetemunhados por centenas de sábios e milhares de pesquisadores sérios e imparciais, que nêles viram a existência da alma e a sobrevivência individual.

Abordando, pois, o mais transcendental problema da vida, o Espiritismo se estendeu do Microcosmo ao Macrocosmo, criando uma filosofia clara, lógica e racional, digna de estudo e de observação, capaz de satisfazer as nossas mais justas aspirações, os nossos mais lidimos interêsses espirituais.

O Espiritismo demonstra que a alma existe e sobrevive substancialmente, provando a sua independência do organismo corpóreo, que as relações entre os vivos e os que indevidamente chamamos mortos, se estabelecem sob formas variadas, de escrita, de tiptologia, de vidência, de audição, etc. Os Espíritos têm enfim dado tôdas as provas de identidade, que qualquer um de nós, ainda na terra, pode fornecer a qualquer pessoa: aparições, fotografia, impressão digital, voz-direta, moldagem e mesmo a construção de formas efêmeras para efeito de prova de identidade.

Os fatos espíritas são irrefragáveis, são evidentes, não se lhes pode negar a veracidade. É uma verdade positiva que se não pode ocultar sem lesar a humanidade,—e quando ouvimos dizer que êsses fatos não são possíveis, lembramo-nos da reflexão de Pascal, sôbre o julgamento que condenava a descoberta de Galileu, a respeito do movimento da Terra: «Isso não provará, disse Pascal, que a Terra permaneça em repouso... Todos os homens juntos não a impediriam de girar e não se livrariam de girar com ela».

Os fatos espíritas vieram demonstrar, portanto, que o sêr pensante é uma realidade, e que a individualidade sobrevive à morte. Essa ânsia, que palpita no nosso coração e vibra no nosso cérebro; essa interrogação que parte do fundo da nossa alma, como um apêlo ao Sêr Supremo, foi respondida pelos Espíritos dos que nos precederam, que estabelecendo relações entre vivos e mortos, nos acenaram com a luz consoladora da esperança que aclara os nossos destinos imortais.

«A comunicação com os Espíritos, com os nossos sêres queridos, que venceram as barreiras do túmulo, é um ato de tanta gravidade e transcendência — como disse o filósofo espanhol, D. José Pellicer, que nenhum outro na vida do homem, lhe pode ser comparável.

«Por seu intermédio alcançamos a verdade psicológica e a felicidade, que se

elevam sôbre tudo o mais que possa o homem aspirar.

«É um telescópio, que põe ao alcance da nossa vista, o mundo a que seremos trasladados, após a presente peregrinação — e que nos faz conhecer a sorte que nos espera, como fruto de nossas obras.

«A comunicação espírita não é um esconjuro supersticioso e maléfico; é uma oração humilde e respeitosa; é o terno suspiro do filho entrelaçado nos braços carinhosos de seu pai, de sua mãe, de seus amigos do Além; é o gemido dorido do enfêrmo que quer restabelecer-se; é o anseio da alma que procura conhecer a vontade de Deus, para respeitá-la e cumpri-la».

Allan Kardec, tratando da «Sobrevivência», disse:

«A alma sobrevive ao corpo e conserva sua individualidade depois da morte, pois, o homem não é mais nem menos que um Espírito encarnado, cuja preexistência tem sido patentemente demonstrada. Se assim não fôsse, a sua única perspectiva seria o nada, como se a faculdade de pensar fôsse produto da matéria. Se o homem não conservasse sua individualidade e se perdesse no grande Todo, como a gota de água no oceano, as consequências seriam as mesmas como se o homem não tivesse alma.

A sobrevivência prova-se de modo irrecusável pelas comunicações espíritas. Sua individualidade demonstra-se pelo caráter e pelas qualidades próprias de cada um; essas qualidades, distintas umas das outras, constituem sua personalidade».

A Sobrevivência é a base fundamental do Cristianismo e Jesus demonstrou essa lei que se aplica a todos nós, pois Deus não é o Deus de mortos, porém, de vivos.

O amor eterno é lei eterna e os mortos surgem dos túmulos e derramam o seu amor sôbre os que deixaram para trás, e nossos entes queridos se tornam anjos tutelares e acorrem às necessidades humanas, consolando os tristes, encorajando-nos e fortalecendo-nos em nossa jornada terrestre, e, finalmente, nos receberão em seus braços, quando as sombras da terra e do sepulcro nos abrirem os olhos para uma venturosa primavera.

Roma, Nero e os Cristãos

A Tragédia dos Tempos Antigos

— I —

AGRIPINA

Principiemos por esta, que foi a mãe de Nero.

O papel que Nero representa nos princípios do Cristianismo, leva-nos a tratar dêsse personagem, tendo em vista ainda a parte que cabe ao Cristianismo em nossos estudos e no decorrer da história da humanidade.

Nero, nascido no ano 37, era filho de Ahenobarbo e de Agripina. Esta, para impôr-se à nobreza e à admiração, e principalmente para levar o filho ao trono, mantinha severa austeridade e aparentava grandes virtudes.

A farsante era levada a sério; logo, porém, que conseguiu o que almejava, mostrou o que era, celebrizando-se por suas indignidades e sua perversidade.

Viu-se que lhe corria nas veias o sangue de seu irmão Calígula, que a sua castidade era simplesmente fraudulenta, como fôra todo o seu proceder.

Um dos amores dessa honesta senhora foi Pallas, homem riquíssimo, influente, irmão de Felix, governador da Judéia, ao qual levaram Paulo, prisioneiro, porque era a favor da ressurreição. Felix tratou-o com brandura e lhe deu liberdade, mas Festo, que o substituiu levou-o ao cárcere. Não precisamos entrar em pormenores, pois o caso vem relatado nos Atos dos Apóstolos, caps. 23 e 24.

Voltemos a Agripina. Para melhor satisfazer suas ambições, fêz-se amorosa do

Imperador Cláudio, seu tio, com quem veio a casar-se, e a quem não tinha amor, nem simples amizade e por quem não mostrou, mais tarde, a menor consideração ou qualquer comiseração. Muito pelo contrário, consta da sua brilhante fé de ofício as relações incestuosas com seu irmão Caligula, os amores com o primo Lépidus, a sedução e o assassínio do seu marido Crispus, o assassínio de Sosibius, preceptor de Britânico, a sua cumplicidade na morte de Messalina, e outros atos mais, que veremos pelo correr da narrativa.

Para assegurar a corôa que pretendia pôr na cabeça de Nero, tratou de casá-lo com Otávia, filha de Cláudio e Messalina.

Otávia era noiva de Lúcius Silanus; ela, porém, poderia transmitir ao marido o direito ao trono. Por maneira que o noivado não era motivo que fizesse enfraquecer os planos de Agripina; urdiu então uma falsa acusação, que desmoralizava Lúcius junto a Cláudio; e Lúcius perdeu a noiva, o emprêgo e a vida, visto que, sucumbido, se suicidou.

Conseguiu aliciar os três mais fortes áulicos, Pallas, que já era muito íntimo, Narciso e Calisto, a fim de elevar Nero ao poder. Foram êstes que causaram a perdição de Messalina. Britânico não lhes perdoaria a morte da progenitora, de sorte que muito mais propícia lhes era a aliança com a imperatriz e da imperatriz com êles.

Esta, apesar do desprezo com que tratava o marido, tinha receio de ser suplantada por outra; notando que a bela Calpúrnia lhe lançava ternos olhares, fê-la banir de Roma.

Lollia Paulina quisera casar-se com Cláudio, ou foi Calisto quem o quís. Para acabar com a possível ameaça, Agripina conseguiu expulsá la de Roma, confiscar-lhe os bens, e como isto não bastasse, mandou que dois oficiais a seguissem e matassem. Cumprida a ordem, trouxeram-lhe a cabeça da infeliz, que ela examinou com todo o cuidado, não fôsse se terem enganado os matadores.

Pouco depois, morria o Calisto misteriosamente, e assim desaparecia o enrêdo amoroso de Cláudio, com seus dois personagens principais.

Para que o filho fôsse ilustrado, escolheu-lhe como preceptores, Sêneca e Bunhus.

O verdadeiro sucessor de Cláudio devia ser Britânico; mas êste não poderia competir com Nero e por isso poucos cuidados devia inspirar: era enfermiço, filho de Messalina, mal apresentado. Isto, porém, não era bastante para sossegar Agripina.

Costumava usar os seus encantos femininos, para ter de seu lado os homens com que devia contar; assim sucedeu com Pallas, assim sucedeu com os dois maridos que tivera. Quando não lhe convinham ou embaraçavam, eliminava-os. Calisto morrera, e Narciso suspeito por sua amizade a Cláudio, fôra afastado.

Como Domitia Lépida, tia de Nero, poderia influir no espírito do sobrinho, armou lhe uma intriga, um processo, e ela foi condenada à morte.

Cláudio ficou inteiramente à mercê da mulher. Procurou ela impedir que dêle se aproximassem, principalmente o filho, cujos amigos, aderentes e acompanhantes, ela, por precaução, mandara matar.

Mas Cláudio, encontrando-se com êle, por acaso, num corredor, abraçou-o ternamente, e disse à mulher que iria fazê lo entrar na maioridade, para que Roma tivesse um César. Sucedeu ainda que o Senado mandou cunhar moedas com a efígie de Britânico.

Agripina alarmou-se, e os alarmes de Agripina rematavam sempre em resoluções trágicas.

Em outubro de 54, houve um jantar em palácio e ela, com o sorriso de espôsa terna e prestimosa, fêz servir ao marido um prato de cogumelos, manjar predileto do imperador, que sabia apreciar as boas iguarias. Mas foi comê los e sentiu uma indisposição terrível. Pouco tempo depois estava morto.

Um médico, chamado pela espôsa, quís provocar vômitos ao padecente, pondo-lhe umas coisas na garganta. Diz-se que esssas coisas que êle aplicou não eram estranhas a uma famosa envenenadora chamada Locusta.

Agripina teria presidido a tudo e a tudo providenciado. Era ela mulher que não esquecia as menores particularidades.

Ocultou-se a morte de Cláudio. Comediantes, músicos, dansarinos, recitadores, mostravam suas habilidades no quarto mortuário. E Agripina perguntava ao cadáver se a festa o estava divertindo.

Diz-se que a cena macabra tinha por

fim dar tempo aos preparativos da aclamação de Nero, enquanto Otávia e Britânico estavam em custódia no interior da casa.

Ao meio dia, abriram-se as portas do palácio e Nero apareceu ladeado de Bunhus. A guarda pretoriana, devidamente preparada, saudou o imperador. Nero, levado em liteira, é conduzido ao Senado em triunfo, e depois de proferir um discurso preparado por Sêneca, viu-se aclamado para governar o Império.

A notícia foi logo comunicada a Narciso, que compreendeu tinham chegado os seus últimos dias.

Tal foi Agripina, tal foi a ascenção de Nero.

Veremos agora o que foi o drama do seu reinado, para o mundo, para Roma, para os cristãos.

Carlos Imbassahy

A Descoberta do Espírito

Por HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

(Continuação)

11 – O porquê dos cuidados com os mortos

Estudemos, agora, o comportamento dos homens primitivos, no concernente aos cuidados que tinham com os mortos. Tal prática atravessou os milhares e milhares de anos que antecederam a nossa época, mantendo-se quase inalterável até hoje.

Como já assinalamos anteriormente, as sepulturas encontradas em 1909 nas cavernas de *Baoussé-Roussé*, de *Langerie Haute* e de *Solutré*, revelaram que os homens da Idade da Rena usavam sepultar os cadáveres, de uma forma muito interessante. Os despojos mortais eram deitados sôbre cinzas quentes e até mesmo sôbre brazas vivas.

Muitos vestigios assinalados nessas e em outras cavernas, indicam que os defuntos eram amarrados, ficando os seus membros dispostos de tal forma, que se reproduzia a posição fetal, isto é, sugeitavam-se os braços e pernas, dobrados e encolhidos, por meio de amarras, de maneira a lembrar a postura do feto antes de nascer. O cadáver recebia uma pintura vermelha feita com pó de ocre.

Dentro das sepulturas, vedadas por blocos de pedra superpostos, colocavam-se armas rudimentares, utensílios, alimentos, etc. Mais tarde, as oferendas passaram a ser feitas às grandes pedras, isso na época megalítica, mas sob elas sempre se achavam os mortos, aos quais eram dirigidas, indiretamente, tais ofertas.

As fogueiras que se acendiam para aquecer o espírito do finado membro da tribo, e várias outras práticas funerárias, revelam a grande preocupação que os nossos ancestrais tinham com os que morriam.

Contudo, é de causar estranheza que agissem assim, pois a morte era a coisa mais comum naqueles duríssimos tempos de lutas e competições com os elementos agressivos naturais. De acôrdo com os indícios encontrados, vê-se que os homens primitivos sofriam uma verdadeira dizimação em sua primeira juventude. Menos da metade lograva sobreviver na infância. Os que ultrapassavam os 40 anos de idade representavam um vigésimo do total, e apenas cêrca de 1% conseguia passar dos 50. A fome, as doenças, os ataques das feras, os acidentes, enfim, tudo conspirava contra o homem das cavernas. A morte rondava-o dia e noite, e morrer devia parecer-lhe rotina comum, normal e sem tanta importância.

No entanto, não era isso o que se passava. O homem de Neanderthal, por exemplo, que era dos que mais viam a morte face a face, foi também um dos primeiros a ter grandes atenções para com os mortos.

Devia existir algo responsável por tal procedimento. A razão parece ter sido forte nesse sentido, muito séria, muito clara, para despertar tantos desvelos em meio a criaturas jovens, ignorantes,

animalizadas e absorvidas por problemas imensos de ordem material.

Admitindo-se a manifestação palpável do espírito, após a morte do corpo físico, surgirá uma explicação mais plausível para o caso em aprêço.

Os que têm tido a oportunidade de presenciar a fenomenologia espírita já estão familiarizados com as manifestações de espíritos chamados vulgarmente: *sofredores*. São aquêles espíritos, que tendo perdido o veículo físico, ainda arrastam consigo as impressões da época em que se encontravam encarnados. Geralmente, contam-se entre êles inúmeros que ignoram seu novo estado. A grande maioria, ao tomar contacto com o mundo físico à custa de um médium, vê exarcebarem-se as suas dores, angústias e aflições, especialmente as que precederam os seus últimos instantes nas vestes da carne.

Ao que parece, os cuidados com os mortos surgiram dos dois fatores enumerados: *a possibilidade das manifestações ectoplásmicas* e a *revivescência dos estados emocionais*, por parte do espírito, na ocasião de seu primeiro contacto com os companheiros vivos. Porém não foram sòmente as cenas dramáticas, que se desenrolaram naqueles instantes no seio das grutas, os fatôres determinantes da posterior conduta com relação aos defuntos. Mesclaram-se a êles muitas outras componentes. Pelo simples fato de manter-se pràticamente inalterável a individualidade e mesmo a personalidade do sêr humano logo após a sua morte, é provável que, uma vez esclarecidos quanto ao seu estado, passassem a agir de acôrdo com suas tendências e seu nível moral. O guerreiro surgiria como guerreiro; o inimigo como inimigo, o chefe tribal como chefe; e assim por diante.

Desde logo, ter-se-ia estabelecido uma diferença de tratamento entre uns e outros; entre encarnados e desencarnados. Êstes últimos, certamente, levaram algumas vantagens em virtude da sua aparente invulnerabilidade, da sua invisibilidade e da capacidade de provocar certos fenômenos fora do alcance dos encarnados. Entre um e outro campo, estabeleceu-se um comércio, um intercâmbio de favores. Os de lá procuraram valer-se dos de cá, e vice-versa. Mas a balança deve ter pendido para o lado dos desencarnados.

A partir daí, os desencarnados vieram mantendo certo domínio e participação na vida, nos dramas e nas lutas dos encarnados. No meio dêstes, os espíritos puderam contar com os elementos vivos a êles aliados, servindo-lhes de instrumento e de comparsas. Tais foram os «chamans», as pitonizas, os profetas, os feiticeiros, os magos, os sacerdotes e, hoje em dia, os próprios médiuns e seus acólitos.

Entre o Povo Hebreu, até o govêrno era dirigido por um espírito: *Jeová*. Temos na história dos judeus um caso típico de «espiritocracia».

Nos remotos episódios da pré-história, os primeiros indícios dessa solicitude para com os desencarnados estão assinalados pelos vestígios das antiquíssimas práticas funerárias levadas a efeito naquela época.

A gênese dessa conduta foram, sem dúvida, as primeiras manifestações dos espíritos no interior das cavernas. Ao se porem em contato com os amigos e parentes, os desencarnados deram expansão às suas emoções. Sentiam fome e frio, mêdo e desespêro. Estavam no escuro. As feras perseguiam-nos e os estraçalhavam. Enfim, reproduziam cenas algo semelhantes às que ainda se presenciam com os chamados vulgarmente de espíritos *sofredores*.

Os circunstantes encarnados procuravam, a seu modo, remediar a situação. Colocavam os cadáveres em sepulturas aquecidas e guarnecidas de armas e alimentos. Acendiam fogueiras em suas imediações, para iluminar e reconfortar o morto. E, como os espectros manifestantes geralmente se mostravam brancos, lívidos, era natural que tentassem corrigir mais êsse pormenor; os cadáveres eram coloridos de vermelho, com pó de ocre.

Posteriormente, a putrefação do corpo inanimado deveria ter preocupado os homens das cavernas. Tentaram fabricar corpos indestrutíveis para servirem de guarida aos espíritos errantes dos entes queridos. Fizeram, então, as estatuetas de osso, madeira, marfim, pedra, barro, etc., onde acreditavam viessem alojar-se espíritos sem o corpo carnal. A dureza dos invernos levou-os a manter, próximo

das fogueiras e das lareiras, tais representações antropomórficas, conforme assinalamos, anteriormente, ao citar os achados de *Predmost*, na *Morávia*, de *Gagarino sôbre o Don*, e as demais práticas cujos vestígios ainda chegam até nós.

Parece que os nossos longínquos antepassados tinham a crença de que a alma residia sobretudo na cabeça. O culto dos crânios põe em evidência essa suposição.

Do mesmo modo, é de acreditar-se que o costume de manietar os cadáveres, reduzindo-os à *postura fetal*, esteja ligado a rudimentares conhecimentos sôbre a reencarnação. Aquela posição, para êles, facilitaria o renascimento. Posteriormente, a urna funerária em forma bojuda, que servia de receptáculo para o cadáver, passou a ser usada. Talvez o raciocínio elementaríssimo daquelas criaturas tentasse reproduzir para os despojos até o invólucro uterino.

Nem todos os espíritos que se manifestaram no fundo das cavernas paleolíticas deviam achar-se totalmente ignorantes do seu estado e situação. Muitos dêles eram chefes falecidos, «chamans» ou feiticeiros, líderes do clã. Suas antigas prerrogativas e ambições passaram a ter possibilidades de satisfação e prosseguimento, mesmo após a morte. Tinham, êles, no médium natural, um intermediário e possìvelmente um aliado. O «chaman» seria o instrumento através do qual poderiam continuar a exercer sua influência sôbre a tribo. Trataram, portanto, de fixar melhor as bases dessa aliança preciosa.

Surgiu daí a *magia*.

(continua)

Ergue-se uma bandeira contra o Esperanto

Parece-nos prudente deixar registado na coleção de «Revista Internacional do Espiritismo» um fato que caracteriza o pavor que a Igreja católica tem do Espiritismo, pavor que já representa uma derrota.

A Câmara Municipal de Juiz de Fora, Minas Gerais, pela Lei N.° 1.194 de 22 de Dezembro de 1958 «cria a cadeira de Esperanto nas Escolas Municipais» daquela grande cidade industrial.

Contra a lei se ergueu o Bispado de Juiz de Fora, pelo seu órgão oficial, «O Lampadário», em seus números de 21 e 28 de dezembro do mesmo ano.

O alvo da campanha do Bispado não é o Esperanto mesmo que lhe inspira simpatia e fica defendido com as seguintes palavras:

O presente protesto não é, pròpriamente, contra o ESPERANTO em si mesmo considerado, isto é, idioma eminentemente moderno, útil e prático, no fomento das relações internacionais!»

O longo artigo redacional, em primeira página, termina revelando o pânico contra o Espiritismo, porque, «talvez» que a lei tenha sido inspirada por algum espírita. Conclue assim:

«Quem sabe se no tal projeto de lei aprovado pela Câmara Municipal não existe também uma aspiração espírita inconfessada, isto é, alguém, prosélito de Kardec, que estando fora da Vereança, soprou lá dentro, quando poderia ter baixado noutro centro...

«Católicos, estejamos de sobreaviso.

«A Federação Espírita Brasileira, sobretudo depois do centenário do impagável Kardec, está se esforçando para propagar o Espiritismo, mediante o ESPERANTO.

«Devemos, portanto, pedir à Prefeitura de Juiz de Fora, na pessoa do Sr. Prefeito, queira vetar a lei para que os Srs. Vereadores voltem a considerar o projeto!» («O Lampadário», de 28-12-58, primeira página).

Não sabemos se o Sr. Prefeito teria vetado a lei, nem isso nos interessa no momento; nosso objetivo é apenas deixar registado o pânico reinante na Igreja Católica, que lhe faz ver perigo nas coisas mais inocentes, e a fantasiar absurdos.

Os esperantistas mais ativos de Minas Gerais são católicos; alguns são sacerdotes ilustres; porque não seriam católicos que houvessem inspirado o projeto e o defendido até tornar-se lei? Os dois esperantistas mais antigos de Juiz de Fora são um católico e um metodista. Ambos muito respeitáveis e estimados. No entanto, o Bispado só vê no caso o perigo de ser o Esperanto empregado na divulgação do Espiritismo!

Como os espíritas empregam em grande escala o rádio, o livro, a imprensa pe-

riódica na divulgação da Doutrina, seria preciso «vetar» êstes veículos do pensamento e mais a língua portuguêsa da qual nos servimos para nossa pregação.

Com um «comando» tão acovardado o «exército» católico está irremediàvelmente perdido.

Recorrer a uma autoridade temporal para vetar uma lei de progresso, inocente e justa, pelo temor de que por trás da lei haja inspiração «inimiga» revela uma obsessão incurável, a obsessão do mêdo.

Muito mais do que os espíritas, os católicos têm empregado o Esperanto à serviço de sua Doutrina. Êles possuem em Esperanto uma velha revista *«Espero Katolika»*; êles têm uma organização mundial dos esperantistas católicos, a *IKUE (Internacia Katolika Unio Esperantista)*; têm livros de orações, romances, a «Imitação de Cristo»; já se reuniram dezenas de vêzes em congressos mundiais dos católicos esperantistas; e ninguém jamais viu nisso um perigo para os adversários do Catolicismo ou pensou em lhes prejudicar o direito de livre propaganda de suas idéias. Ao contrário, todos vemos com muita simpatia êsse trabalho de confraternização mundial.

Felizmente existe a reencarnação e um dia êles perderão êsse mêdo.

Ismael Gomes Braga

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

(Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

101 — Já não podíamos mais trabalhar juntos. Diante de tal cena, de sua agressividade constante à vista dos alunos, funcionários, professôres, não o podia tolerar mais. Ou êle, ou eu.

102 — Retirou-se da mesa do jôgo, dizendo não sairia «porque eu não era dono do Colégio. Saisse eu.»

103 — Fui ao Almirante, relatando-lhe, fielmente, o ocorrido. Concordou, inteiramente, comigo, enquanto sua espôsa, d. Biosa, defendia, enèrgicamente, o outro, terminando por dizer que êle «era moço de salão». Respondendo-lhe que «eu era menos de salão do que de trabalho e de realizações», saí maguadíssimo com ela, entregando meu caso nas mãos do Almirante.

104 — O Almirante não hesitou. Saíu êle. Foi para o Instituto Minerva. Dias depois, entrava no Hospital Nacional de Alienados. Compreendi, então, que aquêle seu comportamento era já um comêço de obsessão. Padeceu muito no Hospital. Saiu de lá mercê de trabalhos mediúnicos, dirigidos pelo Almirante, nas nossas sessões.

105 — Já estava eu à frente do Colégio Nacional, de Parahyba do Sul, quando teve alta do Hospício. Tive a enorme surpresa de vê-lo me aparecer, portas a dentro, Parahyba do Sul: magro, cabeça raspada; aspecto que inspirava dó; muito triste e abatido. Ouvi, contrafeitíssimo, seu pedido de perdão, enquanto me pedia um lugar no Colégio. Passamos uma esponja no passado. Começamos a trabalhar juntos e nos separamos, mais tarde, como excelentes amigos, quando êle, já forte e bem disposto, resolveu se transferir para Santa Maria Magdalena.

106 — Encontrei-o (estava eu já em Nova Iguassú), à rua do Ouvidor. Lanchamos juntos, contando-me que se casara com uma fazendeira de Santa Maria, ótima espôsa, e fizera o curso de Direito. Insistiu para que eu fôsse, com minha família, passar lá uma temporada.

107 — Hildebrando Lemos, pupilo do Almirante, revolucionário de 32, razão por que fôra desligado da Escola de Guerra, fêz-se, também, professor do Nacional. Indispôs-se comigo, também, certa vez, já não me lembro porque. Continuamos trabalhando juntos, sem nos falarmos, mas respeitávamos os direitos mútuos e não nos aborrecíamos nunca.

108 — Certa vez, depois de ler um livro espírita, pediu-me desculpas, alegando fôra culpado do que houvera entre nós. Caimos nos braços um do outro e nos tornamos ótimos amigos.

109 — Dos alunos internos, houve um de quem não citarei o nome, que me deu um trabalhão tremendo. Era um menino órfão, amparado pelo velho Fonseca,

então dono do Bazar Francês, do largo da Carioca. Espírita e caridoso, o velho lhe pagava o internato e procurara o Nacional por sabê-lo um verdadeiro lar. Por isso, o suportávamos.

110 — Certo dia, depois de uma ida à casa do velho Fonseca, resolveu não mais voltar. E não voltou. Mais tarde, foi envolvido num crime de roubo, já estava eu em Parahyba do Sul. A espôsa do Almirante foi à Penitenciária visitá-lo. Recebeu-a em prantos e disse-lhe: «Porque não segui, sempre, os conselhos do professor Leopoldo que tudo fêz para que eu me educasse?»

111 — Hogart Fortuna foi outro menino que só me deu trabalho, no internato. Não foi expulso porque tínhamos total autoridade dos responsáveis para agirmos à vontade na educação dêle. Certa feita em que estava de castigo, chegou ao Nacional seu pai, o Capitão Fortuna, perguntando: «Quem é o professor Leopoldo Machado?» Eu que o recebera, respondi-lhe: «Sou eu».

«Meu amigo, só vim aqui para conhecê-lo. Sou o pai do Hogart Fortuna e nunca lhe poderei agradecer o trabalhão que meu filho tem lhe dado. Não há dinheiro nem gratidão que lho paguem. Não preciso lhe dizer mais nada».

112 — Já doente recebi a visita, no Lar de Jesus, de Hogart Fortuna, capitão do Exército. Ao almôço, levantou-se para dizer, às minhas filhas: «Fui o aluno que mais trabalho deu a seu pai. Hoje, porém, digo, constantemente, a meus filhos: vocês não terão nunca um professor como eu tive. Tive o melhor professor do mundo». Tamanha generosidade fêz assomar lágrimas a meus olhos. Se tive grandes decepções na vida, tive, também, destas glórias. Louvado seja Deus!

Todos os alunos do internato do Nacional, que encontrei homens feitos, na vida, em vários ramos de atividade, sempre cercaram o velho mestre de atenção, carinho e respeito. As bôdas de prata do Colégio Leopoldo reuniram alunos meus de tôdas as épocas, dando-me uma das maiores alegrias dos meus últimos dias. Tudo prova que, se sempre fui rigoroso, procurei jamais me afastar do maior senso possível de justiça.

113 — Por falar em senso de justiça, lembro de uma turma que fui obrigado a extinguir porque composta de homens que se recusavam à obediência; turma, aliás, que já encontrei em completa rebelião, quando fui para o Nacional. Almeida Gomes, recém-chegado da Bahia, pôs-se a agir, nas suas aulas, ditatorial e pedantemente. E era professor da tal série. Depois de extinta a turma, íamos eu e o Almeida pelo jardim do Meier, quando ouvimos a assuada: «Tamanduá de colête... Ta... man... du... á.... de.... co... lê... te...» Ás vaias e os assobios completavam a assuada. Almeida empalideceu. Olhei para ver de onde vinham as vaias. Eram vários alunos da tal série que as davam. E fui eu que acabei com a turma, depois de sérios conflitos com os rapazes...

CAPÍTULO XXXII

1 — Vivendo para o Colégio e para minha casa, poderia muito bem consagrar uns minutinhos ao Espiritismo. Nada disto. As sobras de meu tempo eram dedicadas à literatura barata, profana e, às vezes, até maliciosa. Não fazia vida de sociedade. Há muito, enjoara a dansa, eu que fôra louco por ela... «Não era moço de salão», como dissera a senhora do Almirante, embora sempre, nos salões, modéstia à parte, me distinguisse, já por ser bom dansarino, declamar razoàvelmente e possuir o dom de animar a todos. Nas festas do Almirante em que tomava parte (pois nem sempre estava disposto a fazê-lo), era, mercê de Deus, figura querida e procurada por todos. Como vai longe tudo isto...

2 — Cada vez menos social, em seis anos de amizade com o prof. Dagoberto Cruz, só o visitei algumas vêzes. Fundado o Grêmio Intelectual Carioca, fui a um jantar em casa do velho Xavier Pinheiro. Chegada do norte a família de Marília, visitei-a duas vêzes. Durante seis anos, eis o resumo das minhas visitas.

3 — Dagoberto convidou-me para um passeio, no dia de Natal, do ano de mil novecentos e vinte e cinco, à praia do Galeão, onde sua família veraneava. Travei conhecimento com Carlos Cruz, seu irmão, excelente poeta. Chamou-me a atenção de espírito curioso, uma cazinha fechada, ao lado. Carlos Cruz disse-me: Mora aí um francês que não quer relações com ninguém. Dizem que é comunista, ríspido e mau. É, no entanto, poeta.

4 — Depois de ver um soneto do

tal francês, glorificando os dois amores para êle maiores do mundo (o das mães e o dos cães por seus donos), aliás muito bonito, resolvi conhecê-lo: «Não pode ser mau quem faz um sonêto dêstes», afirmei, enquanto me levantava para visitá lo, apesar de me garantirem todos que êle me não receberia.

5 — Bati à porta do poeta e, a muito custo, me recebeu, no portão, sem me convidar a entrar:

— «Que deseja o senhor»?

— «Conhecê lo».

— «Conhecer-me por que e para que?»

— «Vim almoçar na casa ao lado, hoje. Deram-me êste sonêto seu, que admirei muito e desmentiu, no meu conceito, a má ausência que lhe fizeram.

Só então me mandou entrar. Recebeu-me cavalheirescamente, cercando-me de tôdas as atenções que a boa educação manda. Era ateu e comunista. Tinha atrás da porta uma carabina para «se defender do maior inimigo do homem que é outro homem».

✻ JOSÉ DA COSTA FILHO ✻

A 5 do corrente mês transcorreu o primeiro ano do passamento do querido companheiro José da Costa Filho para as paragens do mundo espiritual. Êle foi, por muitos anos, diretor e redator de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo». Quando de seu desencarne, rendemos, nestas colunas, ao dedicado amigo, a homenagem de nossas pobres palavras, que ficaram registradas no arquivo de ambas as publicações. Hoje, rememorando àquêle 5 de fevereiro, do ano passado, tão cheio de ansiedade, ainda sentimos o embaraço de não sabermos dizer, do amigo que se foi, tudo quanto êle mereceu e merece pelas qualidades morais, quer como chefe de familia, quer como espírita, cumprindo invariàvelmente o seu dever.

José da Costa Filho

Homem honesto e trabalhador, por excelência, espírito humilde e ameno, deu sempre as mais constantes provas de sua sinceridade, de sua capacidade de ação e de dedicação à causa comum que nos uniu dentro do mesmo ideal — a difusão e defesa do Espiritismo, tal como nos ensinou Cairbar Schutel, o amigo maior de todos nós.

O Juca era inexcedível na atividade de suas obrigações e na preocupação de bem desempenhar o seu papel no meio espírita matonense, já nas funções do jornalismo, já no labor das instituições a que pertencia ou em que tomava parte como um dos diretores.

Médium intuitivo, provou essa faculdade através de escritos numerosos, além de receptor, com modéstia invulgar, durante vinte anos, da tradicional Coletânea de «O Clarim», secção pela qual os guias espirituais da casa não se cansam de fazer sentir a sua constante assistência. Médium curador, nunca negou o beneficio de aplicação de passes aos doentes que o procuravam.

Deixou, êle, assim, larga fôlha de serviços e de boas obras, que recomen-

dam a memória de sua vida terrena e que lhe iluminam agora a existência no além, após haver suportado, com resignação exemplar, a provação de longa e dolorosa enfermidade, a propósito da qual reproduzimos aquí o seguinte:

«Do outro, (o Juca), é bom que se diga, ao menos, que, atingido pela doença, sublimado pelo sofrimento, produziu, ainda, larga messe de labor salutar e formulou a sua «Prece ao Pai Celestial», maravilhosa de sentimento da Doutrina que professou, principalmente quando escreveu: «Senhor e Pai: Dai consôlo aos aflitos, compreensão aos que não vos compreendem, luz para os que vivem mergulhados nas trevas da ignorância; levantai os paralíticos da alma, e apontai-lhes o verdadeiro caminho da vida, aquêle caminho que o vosso Filho Dileto traçou para tôdas as criaturas, Jesus, o Cristo».

Tal a maravilha, de uma prece edificante, de quem, já paralítico do corpo, pouco pedindo para si, muito pediu pelos paralíticos da alma, isto é, para os entrevados do espírito, demonstrando profunda integração na Doutrina Espírita ou seja nos ensinos espirituais de Jesus. E foi essa sua prédica de despedida !»

O que aí fica, se não diz tudo, lembra, porém, muito de um homem, de um espírita de convicção, da sublimidade de sentimentos de uma alma cristã.

O Espiritismo não é Doença Emocional

(A propósito do livro PSICOPATOLOGIA, de uma Professôra da Universidade Católica de S. Paulo)

(Conclusão)

A segunda afirmação contida no livro *Psicopatologia*, da respeitável professôra universitária Madre Cristina Maria, é a de que «o Espiritismo é um sintoma neurótico, explicável pela projeção ou por outros mecanismos inconscientes de recalque». Como remate, declara textualmente: *O Espiritismo é doença emocional.* Vejamos bem a exuberância terminológica: sintoma neurótico... recalque... doença emocional. O Espiritismo é tudo isto, no dizer da conceituadíssima professôra da Universidade Católica de São Paulo. Habituada, sem dúvida, a lidar com tratados de Psicologia e Psiquiatria, por dever do ofício, deixou se impregnar de têrmos técnicos ou menos correntes em seus profundos «mecanismos inconscientes», conquanto alguns dêsses têrmos, tão do gôsto de psicológos, psiquiatras e psicanalistas, estejam a se ressentir, cada vêz mais, da falta de conteúdo objetivo. São têrmos campanudos, capazes de confundir ou perturbar as pessoas pouco afeitas a tais assuntos, mas o certo é que não exprimem realidade, não formam sentido na ordem lógica das conceituações exatas.

Diga-se, de passagem, que no Brasil, principalmente em relação à Psicologia e à Psicanálise, certos homens inteligentes e eruditos passam por «cientistas» sòmente porque usam terminologia complicada. Convém observar, entretanto, que empregar têrmos rebarbativos ou criar neologismos arrevezados não é prova de cultura científica. Não se faz ciência simplesmente com palavras de cunho técnico nem muito menos com assertivas retumbantes, porque a verdadeira ciência, isto é, a ciência de fatos e não de palavras, exige indispensàvelmente três elementos concordantes: atitude científica diante dos fenômenos, o raciocínio claro e a demonstração. Há, por exemplo, muitas frases que não passam de chavões inócuos, embora sejam empregadas em determinados compêndios ou manuais de ciências. O fato de uma afirmativa estar no texto de um tratado de ciência não quer dizer que seja a pura verdade. Há ocasiões em que um cientista ou presumido cientista *cria* palavras ou expressões incompreensíveis como porta de saída, justamente quando não pode explicar algum fenômeno estranho à seara de sua especialidade científica, não é verdade ?

Tenho, sinceramente, em alta conta a cultura científica de Madre Cristina Maria, em razão dos livros já publicados, mas as suas afirmações contra o Espiritismo, embora feitas em nome da ciência, nada provam, porque se resumem a pa-

lavras de uso especial, sem a configuração da realidade. A urdidura doutrinária do Espiritismo não teme a ciência nem se anula com o *pêso* da terminologia acadêmica, porque está alicerçada sôbre fenômenos que lhe permitem empregar, também, a metodologia científica, tanto quanto a Psicologia e qualquer outro ramo das ciências de observação. Analisemos, para começar, a 1.ª proposição da ilustrada Professôra da Universidade Católica de S. Paulo: O *Espiritismo é um sintoma neurótico.* Há muitas neuroses, aliás, está muito em voga, ainda, a neurose de guerra. Como se vê, a Professôra entende por Espiritismo apenas a prática mediúnica, ao passo que Espiritismo é, na realidade, o corpo de doutrina que estuda e interpreta o fenômeno em suas conseqüências filosóficas, religiosas, etc. Se, portanto, o Espiritismo é a doutrina, não é uma entidade psíquica, não é um agente mórbido, porque é um conjunto de livros, não pode ser um sintoma neurótico. A expressão é imprópria. Naturalmente o que a conceituadíssima Professôra católica pretende dizer é que a prática do Espiritismo produz neurose. Uma coisa é a prática mediúnica, que é um aspecto, apenas, do Espiritismo, e outra coisa é o *Espiritismo,* tomado em suas definições doutrinárias. A declaração de que «o Espiritismo é um sintoma neurótico» está mal formulada, quanto ao sentido, porque equivale a não dizer coisa alguma. Se alguém disser, por exemplo, que a *Suma Teológica* é um sintoma patológico, simplesmente porque alguns cultores da grande obra de Tomás de Aquino ficaram perturbados por excesso de leitura sem ordem, estará dizendo uma impropriedade, porque a *Suma* é uma obra clássica da Igreja, tem existência material nos volumes que a compõem, não pode ser um *sintoma*... Do mesmo modo, a analogia de raciocínio leva a dizer que o Espiritismo não pode ser um *sintoma* disto ou daquilo, porque a idéia de sintoma, em têrmos médicos, não pode ser aplicada a objeto inanimado, como é, no caso, uma coleção de livros.

Ponha-se, então, o problema em têrmos mais adequados: o que é apontado como *sintoma neurótico* não é bem o Espiritismo (corpo de doutrina), mas o exercício da mediunidade. Até certo ponto, é compreensível a assertiva. Realmente, quando praticada sem método, quando levada ao abuso, sem orientação verdadeiramente espírita, a mediunidade pode ter, como tem tido, inevitáveis reflexos neuróticos. Existem médiuns excitados, sem nenhuma disciplina orgânica e espiritual, como existem médiuns exploradores ou gananciosos. A mediunidade tem, como todos nós sabemos, um aspecto patológico, mas não é um *caso patológico.* A ilustrada Professôra da Universidade Católica generalizou, e a generalização não é um procedimento compatível com as cautelas da indução científica. Se, em determinados casos, a generalização é uma decorrência da própria evidência das provas, é perigoso generalizar diante de um indício apenas ou de um aspecto isolado. A doutrina espírita prevê os casos patológicos no campo mediúnico. Leia-se o *«Livro dos Médiuns»*, obra fundamental de Allan Kardec, e é fácil verificar que o problema já está previsto na doutrina; «Será a faculdade mediúnica indício de um estado patológico qualquer, ou de um estado simplesmente anômalo»? Resposta; *Anômalo, às vêzes, porém não patológico; há médiuns de saúde robusta; os doentes o são por outras causas*». Veja-se, agora, o que, no mesmo passo, ensina a doutrina espírita: *O exercício muito prolongado de qualquer faculdade mediúnica acarreta fadiga; a mediunidade está no mesmo caso, principalmente a que se aplica aos efeitos físicos; ela necessàriamente ocasiona um dispêndio de fluido, que traz a fadiga, mas que se repara pelo repouso.* (Cap. XVIII, n º 221). Nestes casos, sim, quando há excessivo dispêndio de fluidos ou quando o exercício da mediunidade descamba para o abuso, o médium está sujeito a perturbações orgânicas e psíquicas. Então, reduzindo a afirmativa da competentíssima professôra, que vê o Espiritismo por um prisma inteiramente unilateral, podemos colocar a questão nos seguintes pontos:

a) — o Espiritismo não é nem pode ser *sintoma* de coisa alguma, porque é *«UMA CIÊNCIA QUE TRATA DA NATUREZA, ORIGEM E DESTINO DOS ESPÍRITOS, BEM COMO DE SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO CORPORAL,»* segundo a definição de Allan Kardec, tal como se lê no preâmbulo do livro introdutório *O que é o Espiritismo;*

b) nem mesmo a faculdade mediúnica em si poderia ser chamada de

sintoma neurótico, porquanto, sendo inerente a determinadas predisposições orgânicas, não é um efeito de neurose nem de qualquer outra doença mental;

c) — pode haver, sim, algum sintoma neurótico, não pròpriamente por causa da mediunidade, mas em razão do desvirtuamento ou do mau emprêgo da faculdade mediúnica.

Convém notar que a doutrina tem normas morais para o exercício da mediunidade, cujos fins devem ser os mais elevados. Há, porém, muitos médiuns que, não sendo *espíritas* ou querendo submeter-se às exigências do Espiritismo, principalmente em relação à idoneidade moral do médium e do ambiente, preferem praticar a mediunidade a seu modo, sem doutrina, sem ordem, sem fiscalização. Alguns deturpam a mediunidade por ignorância, embora sejam honestos e desejem, até, fazer o bem, mas estão a caminho do fanatismo, cedo ou tarde. É a experiência que o demonstra, através de numerosos casos. Encontram-se também muitos médiuns que não querem obedecer às normas do Espiritismo porque lhes convém *explorar* a faculdade mediúnica, fazendo comércio ou impingindo comunicações e *revelações* fantasiosas. O Espiritismo não é nem poderia ser responsável por tais desvios. Onde entra pagamento ou ambição material no terreno mediúnico já não há mais Espiritismo! É preciso, portanto, distinguir o que é ser médium e o que é ser espírita.

Relativamente ainda ao *sintoma neurótico*, o que acontece com a faculdade mediúnica, quando degenerada, pode acontecer com qualquer outra faculdade. A Psicologia tem, como bem sabe a Professôra da Universidade Católica de S. Paulo, uma parte patológica. Diversas causas, independentemente da mediunidade mal conduzida, podem provocar depressões mentais; perturbações e sintomas de loucura. Uma dessas causas é o *fanatismo*, não é o Espiritismo. Observe-se, como fatos concretos, o grande número de doentes mentais oriundos do Catolicismo, agarrados a *medalhinhas, santos, cruzes*, etc. É o que se tem visto em diversos estabelecimentos de doenças mentais. De onde sairam êsses doentes? De sociedades espíritas? Não! Sairam da Igreja, com as suas crenças, as suas *orações, água benta*, etc. Estamos apresentando apenas fatos. Então, se quisésemos adotar o método simplista, como o fêz a abalizada professôra universitária, que reduz o Espiritismo a têrmos exclusivamente patológicos, poderíamos dizer que o Catolicismo é também um *sintoma neurótico*, porque muitos e muitos doentes mentais levam para os nosocômios a marca psicológica de sua religião de origem; fanatismo, excesso de rezas, objetos vários como expressão devocional. São deformações da religião, não há dúvida alguma, e não devemos responsabilizar a doutrina da Igreja por tais extravagâncias. A religião é uma necessidade do Espírito, é o ponto de apôio do homem quando se defronta com problemas de consciência, mas a ignorância religiosa pode tomar formas exquisitas e produzir neuroses ou desequilíbrios de efeitos dolorosos. Ainda há poucos dias, no Rio de Janeiro, um homem do povo estava atravessando ruas da cidade com uma cruz de madeira às costas, disposto a levar a cruz à *Igreja de Bom Jesus do Iguape*, em S. Paulo. Diz o jornal que a cruz media 4,30 x 2,50. Era o cumprimento de uma promessa. Pedira — disse o devoto — à *Virgem Maria* que o curasse de uma úlcera no estômago; tendo ficado bom, resolveu, êle próprio, carregar a cruz até chegar ao ponto de destino, do Rio a S. Paulo, a pé!... Sensatamente, e ainda em tempo, deu-se a intervenção de um sacerdote, na Praça Saenz Pena, na Capital da República; a muito custo, o sacerdote conseguiu que o piedoso crente desistisse de sua longa e penosa viagem, pois seria um sacrifício inútil. O padre foi obrigado a usar, no caso, a sua autoridade eclesiástica e, assim, evitou maiores sofrimentos para o pobre homem. Veja-se, pois, que a fé, sem as dosagens do esclarecimento e sem as luzes da razão, produz *sintomas* de exquisitice mental.

Sob o ponto de vista puramente intencional, é admirável a sinceridade daquele fervoroso crente, cuja fé, em relação à *Virgem* de sua devoção, se exteriorizou de maneira tão inusitada ou estranha aos costumes normais. (*Diário de Notícias* e *O Globo* de 28 de outubro de 1958). Se o fato ocorresse com qualquer adepto do Espiritismo, fôsse qual fôsse a demonstração de fé, embora sem a cruz, certamente seria enquadrado nos conceitos da patologia psíquica. Quem já viu, entretanto,

um espírita sair à rua em condições exquisitas, vestido de camisolão, carregando objeto de culto? Jamais! É que o espírita sabe que a fé, a despeito de ser realmente a «alavanca da alma», precisa apoiar-se na razão, para não cair no fanatismo. Do fanatismo para um *sintoma neurótico* a distância é insignificante. Comentemos, para terminar, mais uma classificação feita pela respeitabilíssima Professôra da Universidade Católica de S. Paulo.

A 2.ª proposição, igualmente passível de reparos, é a seguinte: O *Espiritismo é doença emocional.* Como provar esta afirmativa? Pelo fato de haver alguns médiuns com sintoma de emotividade exagerada? Isto ainda não é prova. A referência a recalques ou *mecanismos inconscientes de recalques* nada exprime no caso. A terminologia psicanalítica abusou muito da designação de *recalque* para explicar uma série de problemas psicológicos, mas atualmente já se fazem razoáveis restrições á generalização de alguns psicanalistas ortodoxos. Adotando naturalmente a opinião de Lévy Valensi, para quem a mediunidade é ou parece ser *um estado patológico transitório verdadeiro* (quanta palavra desnecessária para não dizer coisa alguma!) madre Cristina Maria vai ainda mais longe, porque, esposando a pretensa explicacão de *recalques*, esposa a teoria de Lawton, segundo a qual o médium se caracteriza por uma personalidade introvertida, de *complexos recalcados*... O diagnóstico, tanto de Valensi quanto de Lawton, está errado, pois a mediunidade não depende, como bem o demonstra a experiência, de qualquer estado patológico nem de recalques. Há pessoas, que, tendo sido frustradas em seus desejos ou suas aspirações, muitas vêzes procuram sessões espíritas como *derivativo* (linguagem freudiana), mas isto não quer dizer que o médium, pelo fato de ser médium, seja um recalcado. Muitas pessoas, dotadas de excelentes faculdades mediúnicas, nem são emotivas nem apresentam o mais leve indício de recalques. Afinal de contas, não há relação entre mediunidade e recalque. Que é mediunidade? É uma faculdade pela qual certas pessoas servem de intermediários entre o mundo material e o espiritual. Médium, então, é aquêle que, tendo essa faculdade, recebe comunicações de espíritos do *outro mundo* ou se prestam à ação de espíritos para a produção de fenômenos inabituais A mediunidade não depende nem das crenças nem da vontade do indivíduo, porque se manifesta de um momento para outro, muitas vêzes, até, com tôda a oposição do próprio médium. Não há motivo, portanto, para recalque. Ora, chama-se *recalcado* ao indivíduo que, não tendo podido realizar um desejo ou não tendo conseguido chegar a determinada situação na vida amorosa, política, econômica ou literária, procura sopitar ou *abafar* a frustração, mas não deixa de ser ìntimamente um revoltado. Há ocasiões em que o indivíduo se esforça para disfarçar ou afastar um desejo malogrado, mas o estado de angústia ou desalento continua a fazer parte de sua vida psíquica. É claro que um desejo recalcado pode produzir distúrbios orgânicos e tomar, depois, a feição clínica de um caso grave. Pode haver e realmente há médiuns com recalques, mas é preciso acentuar que são recalcados por outros motivos e, não, em função da mediunidade. O desenvolvimento mediúnico, em numerosos casos, restabelece o equilíbrio orgânico-psíquico, quando o médium é bem orientado e esclarecido. O que acontece é que espíritos inferiores exploram os recalques de certos médiuns. Ora, uma criatura recalcada já está predisposta à paixão violenta, e justamente por isso mesmo os espíritos atrasados se comprazem em irritar ainda mais os sentimentos e os desejos encobertos. O indivíduo recalcado é um revoltado em potencial. Então, longe de ser uma forma de recalque, como dizem erradamente certos psicólogos e psicanalistas teóricos, a mediunidade até favorece a destruição dos recalques, quando o médium conhece a doutrina e procura esforçar-se para se libertar de paixões ocultas.

Afinal, que tem o Espiritismo com a doença emocional? Há médiuns até muito *frios* ou insensíveis, sem qualquer sintoma de doença emocional. A emotividade é um problema, em parte, de ordem espiritual, tanto quanto, em parte, de ordem fisiológica, com influências temperamentais. Ora, a faculdade mediúnica não depende do temperamento, pois se encontram médiuns temperamentalmente muito diferenciados. Como, pois, situar a mediunidade no quadro das doenças emocionais, se existem numerosos médiuns que não revelam teor acentuado de emotividade em seu embasamento psicológico? Pela lei de afinidade, é natural que um espírito

mais sentimental ou místico se utilize de um médium mais sensível aos problemas emocionais, sem que, todavia, possamos dizer que a mediunidade tenha relação com a emotividade. A mediunidade nem é doença nem se subordina à esfera emotiva. De tudo isto se conclui que as afirmativas da culta Professôra da Universidade Católica de S. Paulo não têm cabimento, no que toca ao Espiritismo.

Deolindo Amorim

Os Mistérios da nossa Vida Mental

A atividade da mente humana tem sido objeto de observações por parte dos psicólogos, mas ainda nada se conseguiu em definitivo. Contudo, algo já se revelou nesse obscuro abismo, tendo surgido várias teorias, cada qual emprestando sua parcela de colaboração. Entre estas, também se infiltram algumas elaboradas precipitadamente, expondo conceitos dogmatizados, sem consideração aos postulados das leis de causa e efeito.

Neste trabalho, procuraremos oferecer nossa dedução com base nos informes da ciência, respeitando os têrmos generalizados no assunto, evitando acrescentarmos complexidades, e sem nos atermos em particularidades embaraçosas, pois o nosso objetivo é cuidar dos fundamentos da nossa ação mental.

Vejamos o que podemos oferecer.

O estado normal da atividade da nossa mente é o de consciência. Nesta condição de vida ativa todos os fatos, que mereçam nossa atenção, vão se fixando, através da nossa sensibilidade sensorial, na nossa memória pela percepção. Mas o cenário exterior é grandioso e não podemos apanhar tôdas as ocarrências, ao mesmo tempo, para se fixarem simultâneamente na nossa memória consciente. E dos fatos observados, ainda há aquêles que podemos perdê-los pelo esquecimento.

Mas será que êsses esquecimentos se apagam para sempre da nossa mente?

Absolutamente não.

Talvez nem todos saibam que temos na nossa vida mental uma segunda memória (se assim podemos dizer) de reserva. Tudo quanto pela atenção anotamos nos arquivos da consciência são fatos que também se registram nessa segunda memória, que se chama subconsciente. É como se tivéssemos no cérebro um mecanismo, registrando em duplicata tôdas as imagens exteriores que despertam a nossa atenção.

Mas há certas ocorrências que podem interessar os nossos sentidos, sem que delas nos apercebamos. Neste caso, não havendo a percepção da ocorrência, êste fato, burlando a vigilância do nosso consciente, vai às ocultas obter um único registro na memória do subconsciente. É como uma mercadoria que entrasse no paíz pelo contrabando, burlando a fiscalização alfandegária.

Agora, aqui já compreendemos que todos os fatos registrados na memória do consciente, também se acham arquivados no subconsciente; mas nem tudo que se acha registrado neste, encontra-se naquele. Isto indica que a capacidade da nossa segunda memória oculta é maior que a outra do nosso estado normal.

Vamos repetir essa exposição, por uma outra forma mais prática.

O leitor entra em um recinto e deposita tôda sua atenção em um belo quadro ali existente, cujas particularidades vão se registrando nas suas duas memórias, a consciente e a subconsciente, sem que desta última se aperceba. Mas ali no recinto uma suave melodia oferece agradável bem estar no ambiente. Mas o leitor, abstraido pelo quadro, não dá sua atenção para a música. Contudo, aquelas vibrações sonoras estão acionando a sensibilidade de suas células auditivas. Neste caso, a melodia não obtém o seu registro no consciente, pela falta de atenção a ela.

Ora, uma vez que as suas vibrações sonoras movimentaram a sensibilidade auditiva do leitor, a melodia, sem passar para o registro da consciência, que agora está ocupada com a sua atenção no cenário do quadro, entrou diretamente para os arquivos do subconsciente. Logo se compreende que dos dois fatos; um, o do quadro, registrou-se no

consciente e subconsciente, mas o outro, a melodia, só se registrou no subconsciente.

Neste exemplo é fácil sabermos porque esta segunda memória de reserva é de maior capacidade que a outra, da nossa atividade normal.

O leitor mais tarde poderá fazer um relatório do quadro, mas quanto à música, que escapou da sua atenção, dela poderá ter apenas uma lembrança intuitiva de que algo agradável ali se passava, sem saber explicar ou descrever se ali naquele ambiente existia tal melodia.

Os fatos que permanecem vivos na nossa consciência poderão, sempre que desejarmos, ser lembrados, sejam instantâneos ou pelo esfôrço de uma associação de idéias.

Mas não devemos julgar que os registros ocultos do subconsciente nunca possam também vir a tona da nossa mente. Basta que por uma causa qualquer a nossa consciência suspenda a sua atividade normal, o subconsciente poderá nessa oportunidade irromper do seu estado latente, entrando em franca atividade. Esta passagem consciencial, de um estado a outro, pela dissociação de memórias, chama-se transe.

Citemos um exemplo: o Hipnotismo.

O hipnotizador, com a permissão do paciente, hipnotiza êste, o qual cai em transe, suspendendo a sua função de consciência, passando para o estado de subconsciência. Agora, mais livre, sem a censura rígida do seu estado normal anterior, o paciente poderá, sob a sugestão do operador, discorrer sôbre tôdas as ocorrências do seu passado, surgindo não só os fatos já conhecidos pelo seu estado normal, como também aquêles que burlaram sua atenção, e que se registraram apenas na segunda memória que agora entrou em atividade.

Mas o subconsciente oferece também, em certas condições, uma outra particularidade. Êle é vulnerável, podendo se colocar a serviço do operador que lhe comanda com determinadas ordens, que são obedecidas como se o paciente fôsse um autômato. Esta obediência pode atingir profundos limites, desde que as vontades do agente e paciente sejam afins.

O mesmo fenômeno se passa com o transe mediúnico, com a diferença que neste quem dá as ordens é uma entidade invisível. Se o médium fôr um vigilante na sua conduta moral as suas transmissões mediúnicas se realizam harmoniosamente, sem outras preocupações. Caso contrário, se fôr de conduta irresponsável, as entidades afins poderão transformar a sua mediunidade em obsessão.

Isto revela que o «orai e vigiai» é o sentinela dos nossos diferentes estados mentais.

Desejamos ainda esclarecer que há transe em que o nosso subconsciente pode entrar em atividade sem intervenção de operadores de fora. Trata-se da auto-sugestão que, observada superficialmente, revela aparência com o transe mediúnico. Êste estado de semelhança tem sido motivo para que alguns opositores do Espiritismo se prevaleçam dessa parecença para insinuarem que não há fenômeno mediúnico, mas, sim, ùnicamente auto-sugestão. Argumentam que as mensagens das referidas entidades são apenas as rememorações do subconsciente do médium.

No entanto, para nós espíritas, bastariam certos fenômenos de materializações para rechaçarmos êsses pretensos observadores, mas nós preferimos combatê-los com suas próprias armas, ou seja, dentro dos argumentos da ordem mental, conforme veremos no nosso trabalho do próximo mês, nestas mesmas páginas.

V. O. Casella

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. S. Paulo

CORRESPONDÊNCIA

Recebemos, gentilmente, do médium Dr. Hercílio Maes, a obra de sua psicografia, «A Vida Além da Sepultura».

Trata-se de literatura sôbre alguns aspectos da vida no plano espiritual, semelhante a outras psicografias dêsse mesmo gênero, já conhecidas nos meios espíritas, e apreciadas pelos reencarnacionistas em geral. Elaborada com o sistema de perguntas, responderam as entidades Atanagildo e Ramatís. Nesta obra, os conceitos de Ramatís em nada se relacionam com aquêles seus trabalhos anteriores, que foram motivo de nossa contestação.

Aqui, sensibilizados, agradecemos a delicada oferta.

V. O. Casella

11 de Fevereiro

HÁ certas datas, no calendário, que não podem, fàcilmente, ser esquecidas. Está neste caso, o dia 11 dêste mês de fevereiro, dia êsse que assinala o decorrer do 2.º ano da passagem, para o plano espiritual, do nosso grande e querido companheiro de ideal, João Leão Pitta.

A lacuna deixada entre nós, entre os seus familiares, em suma, entre a família espírita brasileira, foi muito grande e difícil mesmo, de ser preenchida. Pois que, João Leão Pitta o era, de fato, um espírita sincero e convicto.

Não fôsse êle, assim, jamais teria deixado, por muitos anos, o convívio socegado de seu lar, de seus filhos, que o queriam tanto, para viajar por êste Brasil afóra, percorrendo centenas e centenas de cidades, prègando o Evangelho e desseminando as publicações e obras espíritas do nosso não menos lembrado e querido chefe Cairbar Schutel.

E em tôdas as cidades em que passava, fazia suas prègações doutrinárias, sempre salientando o bem que o espiritismo nos proporciona, as grandezas e o bem estar que a sua prática nos oferece, prègações essas que eram apreciadíssimas. Pois que, possuindo João Leão Pitta profundo conhecimento dos têxtos do Evangelho, os esmiuçava com clareza e facilidade de entendimento para todos que o ouviam.

Quando falava, suas palavras, cadenciadas e precisas, saiam pelos seus lábios, mas, verdadeiramente, partiam elas de seu íntimo, de seu sincero e grande coração! Eram como a água pura, fresca e cristalina, a jorrar de uma fonte, emanada do recesso de uma rocha! E quanto mais se o ouvia falar, mais e mais se desejava ouvi-lo!

Comparemo-nos, aquí, com aquêle viandante cançado, palmilhando longa estrada, ao sól causticante. Numa dobra da estrada, depara com um veio dágua, água também pura, fresca e cristalina. Abeira-se dêsse fio dágua, lêva as mãos em concha, enche-as, uma, duas, três e mais vêzes, e sorve-a, em longos tragos! Parece saciado, quer prosseguir, mas pára, volta-se novamente para o filete dágua e se sacia de mais uma porção dela! E o viandante, parece, tem vontade de permanecer ali, a lado daquele filete dágua, pois que, quanto mais bebe do saboroso líquido, mais e mais dele quer beber! E era assim, tal como aquela fonte, como acima já dissemos, João Leão Pitta: — quando se o ouvia falar, mais e mais se desejava ouvi-lo!

João Leão Pitta

* * *

De 1930 a 1951 João Leão Pitta foi representante-viajante das nossas publicações, contribuindo, com o seu deno-

dado esfôrço, boa vontade e desprendimento para a grande disseminação que as mesmas desfrutam hoje em todos os Estados do Brasil.

Por isso tudo pois, não poderiamos, em hipótese alguma deixar de relembrar esta data, — 11 de Fevereiro — em que o nosso grande e querido companheiro ingressou na Pátria Espiritual, indo reforçar mais e mais a falange dos nossos amigos do além.

E lá, onde se acha, em companhia de outros abnegados companheiros de lutas e do mesmo ideal, muito certamente continua trabalhando para a espiritualização da humanidade, — dessa mesma humanidade a quem êle dedicara os melhores dias de sua vida.

Ao ensêjo, pois, de relembrarmos a passagem do 2.º ano do desencarne dêsse iluminado espírito, aqui tributamos, nestas poucas, modestas mas sinceras linhas, o nosso preito de saudade, de reconhecimento e gratidão.

A quem ou o quê esperamos?

Êste que está escrevendo, graças a Deus sabe o que significa a palavra fanatismo. Fanatismo é um extremo que oblitera, constringe a mente e seca o coração. Nestas linhas não há fanatismo, quem as escreve sente o íntimo impulso de tirar ilações de coisas lógicas e evidentes, fàcilmente verificáveis, entendidas. E vamos às ilações.

Não é, o Espiritismo Cristão, codificado por Kardec, a Terceira Revelação espiritual para a humanidade dêste planeta terreno? Perfeitamente, assim como o Evangelho foi a Segunda Revelação e o Decálogo mosaico foi a Primeira. Depois do Evangelho não mais houve na Terra grandes profetas — o Evangelho os substituiu, pois a sua Lei de amor é tudo para o orbe, é advertência, ativa corregedora, é esclarecimento para tôda hora, dinâmico; é contenção, é equilíbrio, norteamento, objetivação. Dentro dessa Lei divina todos os problemas da humanidade do planêta Terra se resolveriam racionalmente. Dentro do uso, da efetivação dessa Lei trazida pelo Cristo, o mundo ir-se-ia purificando progressivamente, as relações humanas se fariam sinceras, amenas, pacíficas, e o karma individual e coletivo dos encarnados seria mais e mais suave. Isto é claro como o sol. Mas essa bem-aventurança existencial terrena que deveria ter-se iniciado no preciso instante do Gólgota, nós não a conhecemos ainda porque a rejeitamos através dos séculos. O Evangelho tem seu remate lógico no Espiritismo Cristão, o qual vem esclarecer pontos mais sutis que não pòdiam ser expostos às gentes retardadas de há quase dois mil anos passados. Que ao Evangelho seria acrescentado um complemento decisivo de importância di-lo o próprio Cristo com o anunciar às criaturas da vinda, ao tempo devido, do Espírito da Verdade. E êsse Espírito da Verdade veio, está no Espiritismo Cristão, é o máximo que o homem hoje pode saber do seu íntimo EU, do seu mundo físico e do seu mundo imediatamente extra físico. Se nesse acervo também divino há todavia algumas arestas que não sabemos ou não podemos desbastar, como as mistificações que se dão algumas vêzes, isto é devido simplesmente à nossa mesma imperfeição, da evolução precária, sofrível do nosso plano de existência, que não está mais avançado por nossa responsabilidade. Porque a mensagem é racional, está na fé raciocinada; porque a mensagem não tem culpa de que a incapacidade culposa do homem não a abranja de todo, não tem culpa de ser o homem ainda assim pouco espiritualizado, possuindo por isso mesmo uma ciência tateante, fragmentária.

Através do Apocalipse temos o vislumbre de como se processaria o caos moral da humanidade. E quem garante que não estamos no âmago dêsse caos, não estamos caminhando céleres e estabanadamente para o auge dêsse caos? O Pai Divino e o Cristo nos legaram o Evangelho e o Espiritismo Cristão que nos deram e dão um oceano de claridades reveladoras. A quem ou o que esperamos todavia? Que prenúncios, que anúncios, que mais exteriorização, que mais revelação e explicação a humani-

dade espera ? Aguardamos falanges de anjos proclamando o juízo final, proclamando ressurreições ? A quem ou o que esperaremos depois do Evangelho e do Espiritismo Cristão ? Esta humanidade, responsável e conscientemente não está assimilando um décimo do muitíssimo que já lhe é dado e anunciado. O Evangelho está aí, o seu complemento claro e exato está aí, e aí estão tantos sinais do fim do ciclo temporal predito em profecias inatacáveis.

Dentro dessas ilações simplíssimas, se já espanta vermos criaturas que passaram tôda a sua existência entranhadas na teologia ainda não ponderarem e não acatarem e não se darem ao trabalho de pesquisar as verdades do Espiritismo Cristão, mais espantosamente trágico é vermos tais criaturas letradas combaterem por dogmatismo ou por sistema ou vício essa Doutrina, condenando-a estouvadamente, cegamente, apriorìsticamente. Afinal, consideremos João no seu Apocalipse : — tem a humanidade pouco tempo ainda para escolher SINCERAMENTE, DECIDIDAMENTE entre o Cristo e o mundo. Afinal, já era tempo de a casmurrice sectária e da multidão arrefecer em seu feroz, estéril hermetismo e dar guarida a alguns vivificantes raios de sol, de um sol tão evidente, tão meridiano. Os que, pelo dogmatismo, pelo facciosismo, pelo interêsse, comodismo e negligência, fingem não ver, não entender, não ouvir, têm de saber concisamente e conscientemente que ninguém escapará de ser argüido pelos Grandes Juízes, que ninguém escapará a estas perguntas tremendas : — que fizeste das horas propícias que se te foram apresentadas, das oportunidades preciosas que se te ofereceram, das luzes sublimadas que te foram proporcionadas no trânsito pela Terra ?

V. Irenedo

Nunca houve êsse batismo com água !

Só para fins lucrativos foi êle inventado !... E ainda há espíritas que batizam seus filhos nas igrejas...

Desejava não abordar êste assunto pela imprensa (na Cabaninha já falei do mesmo nas Aulas de Evangelho às 6.ªs feiras), pois sei que poderá descontentar a gregos e a troianos. Porém, lendo hoje um artigo de um confrade que ainda julga que Jesus foi batizado com água por João, é que me dispuz a expor meu ponto de vista.

Esclareço que enquanto nós não pudermos assimilar o Evangelho pelo Espírito que vivifica, estaremos sempre acorrentados à *Letra que Mata !*

—

João Batista pregava no deserto e dizia às multidões : «Fazei penitência porque está próximo o reino dos céus,» pois êle era o de que falara o Profeta Isaias : «Voz do que clama no deserto ; aparelhai o caminho do Senhor ; endireitai as suas veredas.»

«E vinham ter com êle gente de Jerusalém, da Judéa e de tôda a terra da comarca do Jordão.» «E confessando os seus pecados eram por êle batizados no Jordão.»

Ora, meus irmãos, nas margens do Rio Jordão, era onde João Batista talvez mais comumente pregava os ensinamentos do Reino dos Céus, pois êle tinha vindo antes, por ordem do próprio Jesus, fazer as primeiras pregações para alertar o povo (preparar os caminhos, abrir as veredas, etc.) sôbre o outro mundo, para onde nós todos teremos que desembarcar um dia ; e concitava-os ao arrependimento, isto é, a se transformarem moral e espiritualmente, a fazerem o bem, etc.

Portanto, o batismo de que falam os Evangelhos, refere-se ao Batismo da Transformação Moral e Espiritual das criaturas, única condição de fato para se melhorarem e viverem na santa paz do Senhor !

Como o Rio Jordão ficava perto, os espertalhões dogmáticos de ontem (hoje êles não fazem o mesmo ?), viram logo um motivo lucrativo e zás, começaram a derramar água sôbre a cabeça do freguês e com isso se enriqueceram e

se enriquecem ainda hoje, porém materialmente!...

E hoje nós vemos êsse comércio ilícito se alastrando cada vez mais e àquêle que mais pode pagar, mais ornamentações são apresentadas (sepulcros caiados por fora) para melhor impressionar os incautos. Mas amanhã não ficará pedra sôbre pedra!

Há outros ainda que nunca sequer tomaram banho de piscina ou nas beiras dos rios, mas para se verem «limpos» de seus pecados, mergulham em água fria e a qualquer hora, fazendo exibições chocantes contra o bom senso e caindo no mais torpe ridículo!

Ora, meus irmãos, aquêle que não se transformar moral e espiritualmente pelo seu próprio esfôrço *(grande Doutrina o Espiritismo que nos educa nesse sentido)*, fazendo tudo por renovar-se intimamente, implantando dentro de si a Igreja Viva do Cristo, êsse, poderá todo o dia derramar uma pipa cheia d'agua na cabeça ou mergulhar várias vêzes por dia nos rios e piscinas que não adiantará nada!... A reforma deve-se operar de dentro para fora, aprendendo-se a letra que vivifica e não a letra que mata e por culpa da qual muitos crimes se hão cometido!

—

Vejamos agora o Batismo de Jesus. Antes do Mestre começar a pregação do Seu Evangelho (Êle começou a pregar aos 30 anos de idade), foi ter com João, quando o mesmo estava fazendo uma de suas belas pregações às margens do Jordão. Jesus foi ouvir João falar! Dizem os Evangelhos que era para Êle ser batizado por João. João vendo a Jesus interrogou-o: Eu sou o que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim? Jesus, porém, lhe respondeu: «Deixa por ora; porque assim nos convém cumprir tôda a justiça.»

Meus irmãos, o Batismo de Jesus por João, não foi mais do que o Batismo da Humildade, e foi talvez uma das mais belas lições que Êle nos deixou!

João Batista sabia que Jesus era superior a êle (êles eram primos e passaram juntos a sua infância), mas João ainda não sabia que Jesus era o Cristo que haveria de vir. Êle só o soube quando estava na prisão, pois foi quando da prisão de João por ordem de Herodes, que Jesus começou a pregação do Seu Evangelho de Amor!

Tendo, pois, Jesus ido até João, êste se admirou e o interrogou: Eu é que deveria ser «batizado» por ti, isto é, eu é que deveria ir a Vós para ouvi-Lo e sois Vós que vindes a mim para me ouvir?!...

Porém, Jesus, que queria deixar para a humanidade mais uma bela lição de humildade, respondeu-lhe: «Deixa por ora; porque assim nos convém cumprir tôda a justiça», isto é, deveremos sempre ser humildes e ocuparmos os últimos lugares para sermos os primeiros no Reino de Deus!

E Jesus ouviu a pregação de João Batista, dando assim a mais bela demonstração de Humildade, Compreensão, Tolerância e Amor! E foi «batizado»!...

Êsse, meus irmãos, foi o Batismo de Jesus, antes de iniciar, de fato, a pregação do Seu Evangelho de Amor! Batismo da Humildade!!!

Nunca houve, portanto, êsse batismo com água!!!

Ten. Cel. Fiori Amantéa

Itu, 18 de novembro de 1958

—

OBS. — Aguardem «Casamentos e Batizados nos Centros Espíritas?»

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo enderêço, o obsequio de nos mandar com tôda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo enderêço; 3) o novo enderêço, para onde a Revista deve ser enviada.

O NOSSO ANIVERSÁRIO

OMPLETA hoje, esta «Revista», precisamente, 34 anos de vida. Estamos, portanto, em dia de aniversário de fundação e de início de outro ciclo de atividade nos rumos do ideal espírita, que Cairbar Schutel nos legou, e desejando contribuir, como sempre, pelo progresso da humanidade, dentro dos preceitos cristãos, confirmados e exaltados agora pelo Espiritismo, que, sendo o Consolador prometido, é a terceira Revelação, abrindo novos horizontes ao pensamento e ao coração dos homens.

Sem festas, mas sinceramente, neste dia tão significativo para nós, invocamos a assistência dos espíritos amigos pela felicidade de nossos assinantes e colaboradores, bem como pela ventura de quantos nos têm ajudado na manutenção dêste órgão de difusão e defesa da Doutrina dos Espíritos, pelo bem geral de tôdas as criaturas e a evolução moral do mundo.

Esta, é a nossa alegria. Êstes, são os nossos votos.

Aos Nossos Assinantes

Entristece-nos ter que anunciar alteração, embora moderada, nos preços de assinaturas de nossas publicações. A isso somos levados pela alta constante nos materiais e serviços, que vem abalando a estrutura de tôdas as emprêsas.

Mesmo sem visar lucros, pois a imprensa espírita não vive de rendas próprias, não se pode prescindir da ajuda de seus assinantes, através de assinaturas a preços relativos à situação geral, que nos obriga a majorar salários de acôrdo com a necessidade dos operários e as leis do país, e a pagar materiais, como máquinas, tipos, papel e tinta, sempre por custo maior, num crescendo assustador.

Nessas condições, é, com verdadeiro constrangimento, que publicamos novos preços de assinaturas anuais de «Revista Internacional do Espiritismo» e de «O Clarim», sendo de Cr. $ 120,00 e 80,00 respectivamente, a vigorar desta data em diante.

Para poder continuar nossa tarefa, aceitamos êste sacrifício, esperando a compreensão e boa vontade de nossos amigos e assinantes.

A ADMINISTRAÇÃO

Ficai certos de que todos aquêles que trabalham com boa vontade na seára, estão sob o amparo de Jesus. A boa vontade é o fio pelo qual os espíritos ouvem os apêlos que lhe são dirigidos.

— L. B. —

No Mundo... da Lua

NINGUÉM imagina o quanto aos espíritas interessa o estudo da Astronomia! Deve-se o fato à circunstância de estar o espírita sempre em perspectiva de poder realizar excursões interessantíssimas e altamente instrutivas aos outros planêtas que brilham no firmamento, quiçá também àquêles que não podemos distinguir no infinito, em virtude de pertencerem a outros sistemas planetários e se acharem, por conseguinte, a tais distâncias de nós, que sòmente podemos ver, dêsses sistemas. os sóis que os iluminam, quando não se afundam demais no infinito...

Tais excursões, conquanto afastadas umas das outras de milênios, porquanto, regra geral, temos de permanecer, graças às nossas terríveis negligências espirituais, dilatados séculos sujeitos à atração dos orbes em que pecamos e dos quais não podemos sair sem nos expurgarmos completamente de tais pecados, pois que no local em que delinquimos é que temos de reparar a delinquência; tais excursões, afastadas de milênios, são antecipadas em pensamento, digamos antes, teòricamente, pelas nossas reflexões e estudos sôbre o assunto: eis porque êste tanto nos agrada.

Lendo o que escreve o distinto confrade Casella sôbre «A Conquista da Lua», na «Revista Internacional do Espiritismo», edição de 15 de novembro de 1958, veio-me o pensamento de aduzir, também, algumas considerações sôbre êsse problema de tão flagrante atualidade — isso porque, observando a Lua no dia 3 do mesmo mês de novembro, através de insignificante luneta terrestre, de duas oculares, sendo a mais *poderosa* apenas de 30 aumentos (o que realmente é de causar melancolia para quem já teve a dita de observar a paisagem lunar através da equatorial gigantesca do Observatório nacional, que nô-la mostra em perfeita similitude com uma paisagem terrena, vendo-se as cadeias de montanhas projetando as suas grandes sombras nos profundos vales lunares e os respectivos «círculos» iluminados em parte até uma grande profundidade e em parte deixando ver a sombra que desce por êles), tive ocasião de ver, do lado da sombra, estando o astro em vésperas do quarto minguante, uma pronunciada saliência luminosa, em curva, que procurei explicar considerando-a como produzida pelos altos cumes das cordilheiras lunares, não deixando de causar-me espécie a extrema luminosidade do ponto em questão.

Tendo, mais tarde, os jornais noticiado que os astrônomos russos anunciaram a irrupção de um vulcão no satélite da Terra, por êles fotografado, não me foi difícil ligar, embora muito discretamente, um fato ao outro, o que me induziu a telefonar para o Observatório Nacional, afim de falar com um dos seus astrônomos a respeito. Atendido pelo Professor Machado, concordou êle com a explicação que eu dera, declarando que o Observatório ainda não tomara conhecimento da comunicação dos russos. Mostrou-se-me o Professor Machado muito atencioso e até convidou-me, sabendo dos meus atrativos pela observação do céu, para frequentar um curso médio que está sendo ministrado sôbre disciplinas congêneres, na Escola Politécnica, ao que obtemperei que não tinha base suficiente de matemática para dedicar-me a tais estudos, a que me dedico por simples diletantismo filosófico, muito fora dos domínios da grandiosa Ciência dos Números, a que Pitágoras já atribuia tôda a organização cósmica.

E lamento-o profundamente! Le Verrier, como se sabe, censurava Flammarion por ser um observador-poeta do firmamento, dizendo-lhe, certa vez, mui secamente: «Prefiro os matemáticos!» O que não iria o Professor Machado dizer de mim, ao ver que nem mais lidar com os logaritmos eu sei! E quanto a *senos* e *cosenos*, então . . .

De modo que, nesta encarnação, limito-me apenas a olhar e concluir introspectivamente, impossibilitado, pelas limitações da minha «zona lúcida atual», a traçar medidas e a fazer cálculos de rigor científico, podendo apenas filosofar e esperar.

Mas a simples observação das maravilhas celestes, sem objetivos científicos,

aliás a mor parte das vêzes tão áridos, já nos proporciona incontidas alegrias e inauditas perspectivas de felicidade, de trabalho, de movimentação e de vida.

Através da equatorial do nosso Observatório (da grande equatorial que é um notável instrumento astronômico, segundo me observava o professor Mário Souza), pude ver Saturno, do tamanho da lua, girando dentro dos seus anéis e circundado de alguns dos seus múltiplos satélites. Quanto nesse instante serviram para ilustrar-me as reflexões, as leituras da *Astronomie Populaire* e de tantos outros Livros de Flammarion! Doutra feita pude ver Júpiter, nìtidamente projetando-se no Céu, maior aparentemente que o Sol, com as suas cinco faixas perfeitamente distintas. Marte, com as suas calotas polares branquinhas como neve. E quanto à Lua, como se vê de tão perto! Por uma das oculares apresenta-se nos Selene, como pude vê-la em ocasião de quarto minguante, em tôda a sua extensão; mas, por outra ocular o aumento é de tal ordem, que só se pode ver um setor lunar — e então é como se a gente estivesse observando uma paisagem terrestre, como já fiz ver! E depois a gente ter de se contentar com 30 aumentos, é de estarrecer...

E a propósito da Lua, eis o que se encontra à página 124 de LA GENÉSE, edição francêsa de 1923, capítulo VI — Uranografia geral: «As condições nas quais se efetuou a desagregação da lua apenas lhe permitiram afastar-se da terra e logo constrangeram-na a permanecer perpètuamente suspensa em seu céu, como uma figura ovóide cujas partes mais pesadas formaram a face inferior voltada para a terra, sendo que as partes menos densas ocuparam o alto, se designarmos por esta palavra o lado que se volta em oposição à terra e elevando-se para o céu. É o que faz com que êste astro nos apresente contìnuamente a mesma face. Êle pode ser assemelhado, para fazer melhor compreender seu estado geológico, a um globo de pano cuja base voltada para a terra fôsse formada de chumbo.

Do fato em aprêço decorrem duas naturezas essencialmente distintas para a superfície do mundo lunar: uma, sem analogia alguma possível com a nossa, por isso que os corpos fluidos e etéreos lhe são desconhecidos; a outra, relativamente leve em comparação com a terra, porquanto tôdas as substâncias menos densas se deslocaram para êsse hemisfério. A primeira, perpètuamente voltada para a terra, sem águas e sem atmosfera, a não ser nos limites dêsse hemisfério sub-terrestre, a outra, rica em fluidos, perpètuamente oposta ao nosso mundo».

A esta revelação da natureza geológica da lua e do seu comportamento astronômico em relação à Terra, não aceita ainda pela ciência, como se sabe, e bem o demonstra o artigo em aprêço do irmão Casella, aduz Allan Kardec, em Nota adrede, as seguintes considerações: «Esta teoria da lua, inteiramente nova, explica, pela lei da gravitação, a razão pela qual êsse astro apresenta sempre a mesma face à terra. Seu centro de gravidade, em lugar de ser no centro da esfera, achando-se sôbre um dos pontos da sua superfície, e, por conseguinte, atraido para a terra por uma fôrça maior que as partes mais leves, daria lugar a que a lua produzisse o efeito das figuras chamadas (em francês) *poussahs* que se tornam a erguer constantemente sôbre a sua base, ao passo que os planêtas, cujo centro de gravidade está a igual distância da superfície, giram regularmente sôbre seu eixo. Os fluidos vivificantes, gasosos ou líquidos, em virtude de sua leveza específica, achar-se-iam acumulados no hemisfério superior constantemente oposto à terra; o hemisfério inferior, único que podemos ver, estaria desprovido dêsses fluidos e, em conseqüência, seria impróprio à vida, ao passo que esta reinaria sôbre o outro. Se, pois, o hemisfério superior é habitado, seus habitantes jamais viram a terra, a menos que fizessem excursões no outro hemisfério, o que lhes seria impossível, desde que aí não existem condições necessárias de vitalidade.»

A-pesar-de ser muito racional e científica esta teoria, conforme observa, ainda na mesma Nota, Allan Kardec, não pôde a mesma ser confirmada por observação direta, diz o mestre codificador, donde concluir-se que as tentativas que russos e americanos do norte estão fazendo para alcançarem a Lua, pode lhes preparar a surpreza de lá encontrar habitantes e com êles respirar o ar puro do outro lado da lua e permutar idéias, podendo assim viver, física e espiritualmente, em convívio amigo com os selenitas. Talvez existam, portanto, vulcões na Lua ou talvez o que nos pareceu um vulcão se-

ja apenas um sinal luminoso que nos estão fazendo os selenitas, convindo que os amadores continuem a olhar para o Céu, mesmo porque, segundo afirmou há tempos um astrônomo português, cujo nome no momento não me ocorre, conseguiu êle observar, num dos círculos lunares, a formação bem nítida de vapores. Ora, onde há vapor existe água e como esta engendra a vida, talvez que a vida se encontre nos abismos que vemos da Terra na superfície lunar e que são o que os astrônomos denominam «círculos».

Quantas surprêzas não nos reservarão os próximos dias!

Arnaldo S. Thiago

Rio, rua deputado Soares Filho, 53 ap. 102 - Vila Isabel — 20/11/958.

Moisés aprovava a Mediunidade e Paulo ensina a fazer sessões

Não há no Espiritismo evocação de mortos, mas a relação do visível com o invisível, base das religiões — Mortos são os corpos — O grande testemunho dos livros sagrados

De vez em quando os espíritas são acusados de necromancia, de feitiçaria, de evocadores de mortos, de pacto com o diabo, e coisas semelhantes. Embora tôdas essas acusações já estejam demasiadamente desmoralizadas, há quem insista em repeti-las, inclusive através de boletins, de jornais, de revistas, e até mesmo de livros. Assim, somos às vêzes forçados a voltar a êsses assuntos, para que pessoas sem ligação com o movimento espírita e sem conhecimento da nossa doutrina não se deixem levar por informações dessa espécie.

A necromancia era uma prática antiga de adivinhação, por meio de evocações. Moisés a condenou entre os judeus. Mas o próprio Moisés soube diferençá-la da prática mediúnica de natureza religiosa, como vemos no episódio bíblico de Eldad e Medad, em «Números», II 26:29. Vemos, nessa passagem, Josué anunciar a Moisés que os dois jovens recebiam espíritos e davam comunicações, e pedir-lhe que os proibisse de fazê-lo. Moisés responde: «Que zelos são êsses, que mostras por mim? Quem dera que todo o povo profetizasse, e que o Senhor lhe desse o seu Espírito!»

Vê-se claramente que o grande legislador hebreu não confundia, como o fazem hoje algumas pessoas, em geral investidas de missão religiosa, a comunicação dos Espíritos do Senhor, em que se apoia o Espiritismo, com as práticas condenadas e condenáveis da adivinhação, da feitiçaria, e outras. Aliás, não se pode condenar a comunicação dos Espíritos, sem ao mesmo tempo condenar tôdas as religiões. Porque tôdas elas se assentam nas relações do visível com o invisível, e a Bíblia, como todos os livros sagrados do mundo, inclusive o Evangelho, dão testemunho das comunicações de Espíritos, em tôdas as formas conhecidas e estudadas pelo Espiritismo.

O problema das «evocações de mortos», expressão de que lançam mãos algumas pessoas para atemorizarem as almas simples, não existe no Espiritismo. Primeiro, porque mortos não podem ser evocados. Mortos são os corpos, que permanecem na terra até a sua completa desintegração. O que se pode invocar é o Espírito, e êste não está morto, mas bem mais vivo do que nós. Em segundo lugar, o Espiritismo só usou de evocações quando necessitava de estudar, pesquisar, analisar o problema da vida após a morte. Era um processo científico como qualquer outro, que nada tinha de comum com a magia. Basta dizer que jamais o Espiritismo admitiu fórmulas e rituais de qualquer espécie, para os seus trabalhos de pesquisa espiritual. Hoje, os espíritas apenas recebem, em suas sessões doutrinárias, comunicações espontâneas de Espíritos, com duas finalidades, que são: ajudar os Espíritos necessitados, e receber auxílio dos Espíritos Superiores. Êste auxílio, entretanto, é espiritual, constante de ensinamentos evangélicos, só se verificando o auxílio material em casos de enfermidade, quando permitido pelo Alto, por Jesus e seus Prepostos.

Quanto à acusação de «pacto com o diabo», é simplesmente ingênua. Ninguém, de bom senso, pode acreditar que pessoas equilibradas, que levam a vida a sério, cumprem os seus deveres e lutam

por um mundo melhor e mais belo, se interessem por qualquer espécie de prática demonológica. O Espiritismo, no seu aspecto religioso, apoia-se inteiramente no Evangelho de Jesus. Quem quiser conhecer a religião espírita basta adquirir um exemplar de «O Evangelho Segundo o Espiritismo», de Allan Kardec, e ali encontrará todos os dados a respeito. Se o leitor deparar com qualquer coisa demoníaca, nas páginas límpidas e puras dêsse livro, então se afaste da nossa doutrina e a condene, baseado em razões concretas e não em acusações absurdas.

O Espiritismo, como dizia Kardec, não inventou a comunicação dos Espíritos. A comunicação é um fato natural, existente em todos os tempos, atestado pela História e a Literatura, especialmente pelos livros sagrados. O que o Espiritismo fêz, foi apenas estudar a comunicação e empregá-la no esclarecimento espiritual do mundo, na orientação segura dos homens para Cristo. Da mesma maneira por que os cientistas não inventaram as quedas dágua, mas procuraram dominá-las e delas extrair a luz para iluminar as cidades. Na primeira epístola aos coríntios, o apóstolo Paulo ensina como se faz uma sessão espírita, porque as comunicações dos Espíritos constituiam a base das práticas religiosas dos primitivos cristãos. Como se vê, Kardec tinha razão ao dizer que o Espiritismo não inventou as comunicações.

Irmão Saulo

Crônica Estrangeira

«Protegei-me dêste Espirito turbulento (Poltergeist!»)

Pai de 9 filhos vai à polícia

Aqui vai o relato da mais publicada história do espírito turbulento nos recentes anos, na Escócia.

O fato divulgou-se quando um pai atormentado procurou a polícia em 8 de Setembro e pediu proteção contra um espírito que tem aterrorizado sua família durante oito mêses produzindo ruídos à noite.

O espírito caminhava pelos quartos do andar superior, batia no soalho, abria gavêtas e portas de armários, acendia luzes e abria janelas.

«Minha mulher não mais quer morar na casa e meus nove filhos estão todos dispersados em Kirkcaldy». James Forsyth, de 37 anos de idade, (Kirkcaldy) disse aos jornais: «Não mais podemos suportar isso. Após a primeira visita do espírito em fevereiro eu procurei fechar a passagem entre as duas portas do dormitório.

Espírito zangado

«Eu o consegui, mas ao mesmo tempo isso parecia irritar o espírito. Os ruídos tornaram-se mais altos e agressivos.

«Amigos espíritas afirmam ser a alma ou espírito de pessoa que cometera suicídio e que está ligado à terra *(eorthbound)*. Eu estou alarmado com o perigo a que estão expostos meus filhos.

Certa vêz quando a snra. Forsyth, de 35 anos de idade, ouviu os ruídos de noite, que agora a reduziram a uma ruína nervosa, também ela ouviu um de seus filhos soluçar.

«Ouvi isso muitas vêzes, desde então. Sempre é uma criança diferente, e a que soluça ordinàriamente empalidece como se estivesse a morrer — aparência doentia e pálida».

Uma «proeminente autoridade psíquica», que fôra informada dos acontecimentos em Kirkcaldy disse: «É um espírito turbulento em ação, sem dúvida alguma. Êle tira a fôrça de sete meninas e dois rapazes de 15 anos a nove mêses.

O perito disse: «Nada adianta à família ir morar em nova casa. O espírito a acompanhará — enquanto estiverem presentes as crianças.

Êles dormem em outro lugar

«Parece ser um espírito turbulento, porque essa casa não tem história suficiente para indicar qualquer outra manifestação».

A snra. Forsyth levou as crianças a dormir em casa de vizinhos, enquanto

seu marido e vizinhos acompanhados por Mr. John Lees, Conselheiro James Barrons e uma duzia de repórteres, bem como fotógrafos, vigiavam.

Mas o espírito não mais voltou.

A snra. Smith que em dita casa morou dez anos antes (a família Forsyth foi habitá-la 19 mêses depois) disse que nada de anormal se verificou durante todo o tempo em que habitou a citada casa.

O espírito se ausentou

A 11 de setembro depois de sua visita à Polícia, Forsyth declarou que o espírito turbulento desapareceu depois de uma visita de sete espiritualistas a sua casa.

De «Two Worlds»

A Caneta que escreve...

De «Estudos Psíquicos»

O Século de 17 de Novembro inseriu o seguinte telegrama da *France Presse:*

«Londres, 16. — O semanário «Sunday Pictorial» conta hoje um curioso caso de espiritismo. A sr.ª Grace Rosher, pintora londrina bastante conhecida, escreve perguntas ao noivo Gordon Burdick, canadiano, falecido pouco depois da segunda guerra mundial. Escritas as perguntas, a caneta escreve sòzinha as respostas, bastando que a sr.ª Rosher acompanhe a caneta com a mão, a pouca distância. O namôro da sr.ª Rosher durou quase trinta anos e o noivo morreu uma semana antes do casamento. O «Sunday Pictorial» publica uma reportagem a êste respeito com fotografias impressionantes da caneta a escrever sem ninguém a segurá-la. A sr.ª Rosher afirma que nunca se dedicou ao Espiritismo».

Êste comunicado saiu na primeira página do diário português circundado a filete vermelho, prova do alto conceito em que foi tido pela redação.

A imprensa moderna vai-se habituando à fenomenologia espírita, não obstante a teimosia de muitos que lhe querem barrar o caminho. Melhor fôra, porém, aceitar os fatos, do que desvirtuá-los ou fazer em tôrno dêles a conspiração do silêncio. Que a verdade ninguém a pode adulterar eternamente, sobretudo quando o seu conhecimento é necessário à evolução humana. No entanto há sempre indivíduos ou classes que tentam impedir o brilho de uma idéia, mesmo que dela emane benefício moral ou social. São os bem instalados na vida, aferrados a tradições que o progresso vai desvanecendo em holocausto à justiça que se deve a todos.

Com o Espiritismo dá-se um caso bem curioso. Quanto mais o combatem, mais cresce e se avigora nos que sofrem por êle, que o mesmo é dizer, que trabalham para o bem do próximo.

O Século foi sempre infenso à propaganda espírita. Não perdia um só momento de achincalhar e de zombar de coisas sérias e demasiado transcedentes para a mentalidade dos seus, aliás, cultos articulistas. Hoje parece que mudou. Novos tempos, novos costumes. Mas não há incoerência nessa atitude. Há bom senso.

Felicitamos o grande jornal português e fazemos votos para que haja ecletismo verdadeiro em suas páginas, como houve, de fato, em tempos que já lá vão.

Coleções da «Revista Internacional do Espiritismo»

Encadernada em costaneira de couro:

Do 2.º ano Cr.$ 200,00	Do 20.º ano Cr.$ 200,00	Do 27.º ano Cr.$ 180,00
Do 4.º ano . . 200,00	Do 21.º ano . . 200,00	Do 28.º ano . 180,00
Do 5.º ano . . 200,00	Do 22.º ano . . 200,00	Do 29.º ano . 180,00
Do 6.º ano . . 200,00	Do 23.º ano . . 200,00	Do 30.º ano . 180,00
Do 7.º ano . . 200,00	Do 24.º ano . . 200,00	Do 31.º ano . 180,00
Do 18.º ano . . 200,00	Do 25.º ano . . 200,00	Do 32.º ano . 180,00
Do 19.º ano . . 200,00	Do 26.º ano . . 200,00	Do 33.º ano . 180,00

ESPIRITISMO NO BRASIL

As Obras Assistenciais do Espiritismo

Avultam constantemente as obras de assistência social do Espiritismo. Os leitores que acompanham o nosso noticiário, devem ter notado a atividade dos Centros e Mocidades espíritas na prática da caridade cristã, que outra coisa não é senão o trabalho assistencial do nosso tempo. E' um esfôrço continuado, sem precedentes no mundo.

Enquanto os crentes das velhas religiões se empenham na realização dos rituais de suas igrejas, os espíritas mais e mais se dedicam à prática das lições do evangelho, dentro do preceito máximo de Jesus: «Amai o próximo como a vós mesmos.» E, daí, essa floração impressionante das obras inspiradas aos cultores da Doutrina dos Espíritos. Em lugar do culto religioso, meramente exterior, os nossos confrades se lançam à ação em benefício dos necessitados.

Reparai num fato, hoje comum, a comemoração do Natal nos meios espíritas. Quase tôdas as associações kardecistas promovem, nesse dia memorável, a distribuição de roupas e gêneros alimentícios aos pobres, justificando, assim, a legenda «Natal dos Pobres», proverbial em todo o Brasil. Mesmo as sociedades mais modestas se aplicam, todos os anos, a essa modalidade assistencial, sempre em homenagem a Jesus, no dia consagrado ao seu natalício.

Mas não é isso apenas. Atente-se também ao empolgante movimento de fundações espíritas de proteção a necessitados, num raro exemplo de ampla solidariedade humana. Além dos antigos estabelecimentos, conhecidos no país, vai se avolumando, em crescendo sem paralelo, a instalação de novas organizações, destinadas ao amparo dos que precisam, tais como lares infantis, abrigos à velhice, sanatórios, casas de saúde, educandários, escolas, tudo objetivando a mesma finalidade de assistência em todos os sentidos.

É cada vez maior a correspondência que recebemos, de todos os lados, dando conta de novas fundações de amparo a crianças, a velhos e a doentes em geral.

Eis aí, a propósito, o nosso noticiário de agora, baseado nos mais recentes comunicados.

Sanatório «Américo Bairral»

Lendo o último Relatório dêste grande Hospital, sentimos que a exiguidade de espaço de que dispomos, nestas colunas, não nos permita uma ampla apreciação sôbre essa modelar instituição para doentes nervosos e mentais, onde foram tratados, em 1957, mais de 2.000 enfêrmos, ou seja, precisamente, 2.127, tendo saído curados 882, no mesmo período.

Deve-se à fundação do Sanatório «Américo Bairral», em Itapira, há mais de 34 anos, ao seu patrono e à dedicação de nossos confrades Onofre José Batista e Gracinda Baptista, esta de saudosa memória, por já haver deixado a vida terrena.

Tem sido, através dos anos, Provedor-Gerente do Sanatório, o confrade César Bianchi, a cujo gênio empreendedor de organização e administração se reconhece o mérito do desenvolvimento, sempre crescente, desse nosocômio, extraordinário pela sua amplitude, suas instalações e métodos de serviço. Note-se ainda, como fator predominante, no progresso e nos êxitos do Sanatório, a ação da mulher espírita, personificada em d. Dalila Baptista Bianchi, a principal colaboradora e animadora daquela realização grandiosa.

—

Sanatório Espírita de Pelotas

Pelo Relatório do exercício de 1957, dêste Sanatório, verifica-se que nêle foram tratados, nesse ano, 1.150 doentes, sendo 522 homens e 628 mulheres, o que é bastante para um hospital muito novo.

Efetivamente, encontramos no início do Relatório êstes dizeres: «Inauguramos há 21 mêses, com o Sanatório Espírita, o serviço social de psiquiatria, emprestando a Pelotas o pioneirismo no tratamento de psicopatas indigentes do interior do Estado».

O Estado é o Rio Grande do Sul.

Depois de narrar as dificuldades vencidas, o Re-

latório, historiando a vida da novel instituição, consigna esta alentadora afirmação: «O índice de cura foi superior à média consagrada, tivemos 66,5% de doentes curados.»

Com seu Conselho Deliberativo e sua Diretoria, em perfeita ordem, a Direção do Sanatório está sob a presidência do confrade João da Rocha Bender.

—

Sanatório Antonio Luiz Sayão

Desta recente fundação, como de outras, novas e velhas, trataremos oportunamente, destacando suas atividades. O Sanatório Antonio Luiz Sayão, surgiu há pouco mais de um ano, em Araras, cidade de nosso Estado.

Seu diretor clínico é o dr. Gil Perche de Menezes, matonense de nascimento e criação.

—

Abrigo dos Velhos «João Leão Pitta»

O confrade Vitor dos Santos, secretário do Centro Espírita «Antonio de Pádua», de Curitiba, capital do Paraná, escreveu-nos comunicando as atividades lá desenvolvidas para a instalação do Abrigo dos Velhos, sob a invocação de João Leão Pitta, nosso antigo e querido companheiro, cujo desencarne deu-se há dois anos.

A carta recebida fala-nos da escolha dêsse nome, tão conhecido e respeitado, para patrono espiritual, até de obra mais vasta, o «Estágio Cristão de Espiritualização e Manutenção dos Velhos Desamparados», apelando para o concurso de quantos possam ajudar essa tarefa de benemerência social, que se recomenda como realmente inspirada nos melhores sentimentos cristãos.

O Centro Espírita «Antonio de Pádua» tem seu enderêço, ou sua séde, à rua México, 31, — Bacacheri — Curitiba — Paraná.

—

Lar «Jesus entre as Crianças»

Aguardamos a possibilidade de espaço para proceder a transcrição, que nos foi solicitada, de reportagem do «Diário da Noite», de São Paulo, publicada em 30-12-58, sôbre a fundação do Lar «Jesus entre as Crianças», destinado a «abrigar crianças orfãs e abandonadas e dar-lhes a verdadeira educação moral e espiritual, difundida pelo Espiritismo», conforme nos escreveu o confrade Natalino D'Olivo, da Capital.

A atual séde, dêsse «Lar», fica à rua 3, n.º 75, em cidade Rochdale, caixa postal, 82, — Osasco — E.F.S.

A instituição acolherá também crianças cegas.

—

Lar «Anália Franco»

A cidade de São Manuel, neste Estado, tem o privilégio de manter em seu meio, o conceituado Lar «Anália Franco», uma das mais antigas fundações espíritas para meninas necessitadas de amparo. Várias gerações por ali passaram, saindo moças, educadas e preparadas para as lutas da vida em novos lares.

No Relatório do Lar referente a 1957, se constata, que, já em 1924, contava 38 meninas abrigadas, aumentando sempre o número, chegou, em 1957, a abrigar 118 criaturas salvas dos azares da sorte.

Aliás, o Relatório afirma em sua primeira página: «A reforma social há de vir dos lares bem constituidos».

Os nomes dos principais beneméritos do Lar «Anália Franco são: Clélia Rocha, diretora de 1916 a 1935; Amando Simões, diretor-presidente, de 1924 a 1949; Alice Araujo, diretora de 1935 a 1957; e dr. Zoilo Meira Simões, diretor-presidente de 1949 a 1958, todos já desencarnados.

—

Lar do Irmão Velho

De nosso confrade Elisio da Rocha Dórea, residente em Feira de Santana, na Bahia, onde é contador do Banco do Brasil, recebemos comunicação da instituição, naquela cidade, do Lar do Irmão Velho, para velhos abandonados, cuja pedra fundamental já foi batida.

As palavras, adiante, reproduzidas da proclamação da iniciativa, se não dizem tudo, falam bastante porém, dêsse novo tentâmen:

«Há duas coisas no mundo,
Que ainda me fazem chorar:
E' ver uma criança com fome
E um pobre velho a esmolar.»

«Você que possui um lar sabe quanto isso vale. Ajude a dar um lar aos velhos que não o tem. Ponha seu grão de areia na construção do Lar Irmão Velho.»

Aí fica a recomendação.

—

Escola de Assistência ao Próximo «Ana Nery»

(Departamento Educacional da Instituição Beneficente «Nosso Lar»)

A Primeira Escola, não profissional, que se funda no Brasil com a finalidade de preparar os elementos de boa vontade para os tra-

balhos de Assistência ao Próximo, pela alegria de servir.

Cursos em funcionamento

1.º) *Curso de Maternologia:* — Todos os conhecimentos relativos à vida do lar, à função da maternidade e a boa orientação da criança. Duração: 6 mêses — Aulas: 4 vêzes por semana. Especialmente, destinadas às Adolescentes, às Noivas e às Donas de Casa.

2.º) *Curso de Assistência ao Próximo:* — Conhecimentos necessários para quaisquer atividades em favor do próximo. Duração: 12 mêses — Aulas 4 vêzes por semana. Estágios em Hospitais, Creches, Educandários, etc.

Matérias Básicas:

Biologia — Pedagogia — Sociologia — Puericultura — Enfermagem — Pronto Socorro — Fundamentos do Lar Cristão — Psicologia — Patologia — Higiene Mental — Organização de Obras — Legislação Assistencial — Serviço Social.

Professores Especializados

Matrículas de 1.º de Janeiro a 15 de Fevereiro.

Peça Informações pelo telefone; 70-7134 ou na Rua Mesquita, 720 (Cambucí) São Paulo.

Acham-se abertas as matrículas para os cursos de Datilografia — Jardim da Infância e Pré Primário na séde da Instituição.

— Eis uma instituição da maior utilidade e necessária.

Nossa representação em Campinas

O representante de «O Clarim» e da «Revista Internacional do Espiritismo», na cidade de Campinas, é o confrade Antonio Marques Serra, que atende pelo telefone 9-1-2-3-9 a todos que desejarem tratar de interêsses ligados às nossas publicações.

Para tomada de assinaturas e recebimentos o nosso prezado representante, uma vez avisado pelo telefone, mandará atendente a domicílio, escritório ou repartição.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião mensal ordinária, realizada em 3 de Janeiro de 1959

Às catorze horas profere o Presidente a prece inicial e declara aberta a reunião, sendo lida e aprovada a Ata de Dezembro, com retificação pedida pelo Conselheiro Geraldo de Aquino.

Paraná — O Conselheiro Coronel Delfino Ferreira encaminha ao Presidente ofício da Federação Espírita do Paraná comunicando a realização, na cidade de Londrina, de 20 a 26 de Março dêste ano, de uma Concentração de Mocidades Espíritas, convidando o Conselho, a Federação Espírita Brasileira e seu Departamento de Juventudes para a reunião.

Ceará — Anuncia o Conselheiro Henrique Magalhães que foi auspicioso o trabalho da Escola de Orientadores, mantida pela Federação Espírita Cearense, e ainda que «O JORNAL», de Fortaleza, pôs uma coluna diária à disposição dos espiritistas.

O Conselheiro Aurino Souto comunica ter a Rádio Copacabana resolvido irradiar notícias espíritas e serviço de propaganda.

O Conselheiro Atlas de Castro fala do movimento espírita no setor operário do Arsenal de Marinha, tendo ali feito uma conferência, em 19 de Dezembro último, e iniciado trabalho de cooperação no meio.

O Conselheiro Dr. Miranda Ludolf comenta a realização de várias solenidades gratulatórias espíritas, promovidas por contadores, professores e bacharéis em direito.

O Conselheiro Professor Ismael Gomes Braga anuncia que foi oficializado o ensino do ESPERANTO no Município de Juiz de Fora, com a promulgação da Lei 1.194, de 22 de Dezembro de 1958, isto após intensa luta de adversários do Espiritismo que consideram o Esperanto de benefício e conveniência para a propaganda da Doutrina Espírita. Lê carta do Centro Espírita Fé, Esperança e Caridade, de Uberlândia, em língua Esperanto, relatando os trabalhos do Sanatório Espírita de Uberlândia, juntando gráfico que apresenta, no período de 1944 a 1956, a percentagem de 76,9% de enfêrmos curados, entre 100 tratados.

Com a prece final, pelo representante do Rio Grande do Sul, é encerrada a reunião às 16 horas.

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.ª edição, esta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço: Cr.$ 86,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.ª edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interesse para ser manuseado por todos aqueles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. $ 10,00.

Interpretação Sintética do Apocalipse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espirito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espirito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual, verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr.$ 25,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: A. Watson Campêlo — *Redator: Italo Ferreira*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano	—	Assinatura simples	Cr.$120,00
Semestre	—	,, ,,	60,00
Ano	—	Assinatura registrada	180,00
Semestre	—	,, ,,	90,00

NUMERO AVULSO CR.$ 12,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA ESPÍRITA EMMANUEL

Rua Quintino Bocaiuva, 161 — 4.° andar — Sala 2 — SÃO PAULO